

Biblioteca Digital Curt Nimuendaju

<http://biblio.etnolinguistica.org>

Knivet, Antonio. 1878. Notavel viagem que, no anno de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet, da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomas Candish. Traduzido do holandês e anotado por J. H. Duarte Pereira. *Revista Trimensal do Instituto Historico Geographico e Ethnographico do Brazil*, tomo XLI, parte I, p. 183.-272. Rio de Janeiro: Typ. de Pinheiro & C.

Permalink: http://biblio.etnolinguistica.org/knivet_1878_notavel

O material contido neste arquivo foi escaneado e disponibilizado online com o objetivo de tornar acessível uma obra de difícil acesso e de edição esgotada, não podendo ser modificado ou usado para fins comerciais. Seu único propósito é o uso individual para pesquisa e aprendizado.

Possíveis dúvidas ou objeções quanto ao uso e distribuição deste material podem ser dirigidas aos responsáveis pela Biblioteca Digital Curt Nimuendaju, no seguinte endereço:

<http://biblio.etnolinguistica.org/contato>

O presente trabalho, extraído de volume disponível através do projeto Google Books, foi disponibilizado pela equipe da Biblioteca Digital Curt Nimuendaju em fevereiro de 2010.

REVISTA TRIMENSAL

DO

INSTITUTO HISTORICO

GEOGRAPHICO E ETHNOGRAPHICO DO BRASIL

FUNDADO NO RIO DE JANEIRO

DEBAIXO DA IMMEDIATA PROTECÇÃO DE S. M. I.

O Sr. D. Pedro II

TOMO XLI

PARTE I

*Hoc facit, ut longos durent bene gesta per annos
Et possint serâ posteritate frui.*



RIO DE JANEIRO

Typ. de PINHEIRO & C., rua 7 de Setembro n. 157

1878

NARRAÇÃO

DA

Viagem que, nos annos de 1591 e seguintes, fez

ANTONIO KNIVET

DA INGLATERRA AO MAR DO SUL, EM COMPANHIA DE

THOMAZ CANDISH

Traducção do hollandez

(Offerecida ao Instituto Historico pelo traductor)

A curiosa narração das peregrinações de Antonio Knivet pelas provincias do Rio de Janeiro, S. Paulo, Pernambuco, etc., escripta originariamente em inglez, foi vertida para o hollandez, e faz parte da collecção das *Viagens celebres ds Indias orientaes e occidentaes*, editada por Pieter van der Aa, e impressa em Leyde no anno de 1707 e seguintes.

Servimo-nos d'essa traducção hollandeza, porque não podemos encontrar o texto em inglez. Não vem este na collecção de Hakluyt; suppomos que encontra-se na de Purchas; mas não ha, nas bibliothecas d'esta capital, um só exemplar d'esta ultima collecção.

Confrontámos a primeira parte do trabalho de Knivet com a carta que Candish dirigiu ao seu amigo Tristam Gorges, narrando-lhe os acontecimentos da mallograda ex-

2º trimestre.— TOMO XLI, P. 1

24

pedição, e com a *Last voyage of the worshipful Thomas Candish, written by M. Jane Jone*, collecção Hakluyt.

Como essas diversas narrações não estão de perfeito accordo, indicámos, em notas, algumas das suas principaes divergencias.

Côrte, 10 de Dezembro de 1875.

J. H. Duarte Pereira.

Notavel viagem que, no anno de 1591 e seguintes, fez Antonio Knivet, da Inglaterra ao mar do sul, em companhia de Thomas Candish

CAPITULO I

Knivet parte da Inglaterra e vai ter ao estreito de Magalhães.—Cabe nas mãos dos portuguezes.

Partimos de Plymouth com as velas seguintes: *Leicester* (almiranta), *Roebuck*(1) (vice-almiranta), *Desire*, *Daintie* e *Pinaça Negra*. Pretendiamos ir ter ao mar do sul (oceanico Pacifico). Seis ou sete dias depois de havermos abandonado as costas da Inglaterra, topámos á noite com dezoito velas flamengas. A nossa vice-almiranta, ignorando que velas eram essas, tomou uma d'ellas, e escaparam-se as mais. Pela madrugada foi levado á presença do nosso general o capitão do navio flamengo apprehendido, e nos communicou que de Portugal largára uma frota para o Brasil, noticia que nos foi mui grata. Esta vela carregava sal, de que o general se proveu, tomando-lhe tres barris; mas, como o dito capitão apresentasse um passaporte com a firma e sello de Sua Magestade, no qual se lhe permittia navegar livremente por todos os mares, ordenou logo o general que todos restituissem ao flamengo o que lhe haviam tomado, e elle mesmo pagou o sal de que se apossára.

Continuámos nossa derrota com bom vento. Afastando-nos das costas de Portugal, endireitámos para as ilhas Canarias, e vinte dias depois as fomos vêr. Sabendo isto o ge-

(1) No texto se lê *Ree*, traducção da palavra ingleza *Roebuck*. Este era o nome da vice-almiranta da flotilha de Cavendish, segundo se vê de sua carta a Tristram Gorges, e por isso o conservámos.

neral, ordenou que os dois navios menores se fizessem á terra para o fim de observarem, se, por entre as ilhas, andavam navios ou caravelas empregadas na pesca. A' seguinte manhã voltaram os nossos navios por não haverem encontrado velas contrarias. Fluctuámos vinte e sete dias em calmaria podre na linha equinocial, onde os dias e as noites são iguaes.

Por esse tempo adoeceu de escorbuto a maior parte da nossa gente, por causa da excessiva calma e dos vapores da noite. Nem por isso a marinagem soffreu a sua malvadez, pois, emquanto estavamos na mais embaraçosa situação que se pôde imaginar, dois japonezes, que o general Can-dish trouxera comsigo de sua primeira viagem, invejosos de um pobre portuguez, vindo comnosco da Inglaterra, e desejosos de darem cabo do infeliz, assentaram de persuadir ao general que elle era culpado.

Eis como puzeram por obra a sua traça: estando o general á mesa, reuniram-se elles no tombadilho, e entraram a conversar em vozes tão altas, que todos os podiam ouvir, sendo o assumpto da conversação que o portuguez era um traidor, pois muitas vezes lhes aconselhára que com elle fugissem quando chegassem ao Brasil, e lhes promettêra que se aprouvesse a Deus entregar a cidade de Santos ás mãos dos nossos, como desejava o general, elle os havia de conduzir ao mar do sul, onde seriam bem pagos pelas suas informações.

Chegando esta accusação aos ouvidos do general, foi enforcado o pobre do portuguez, com quanto seja cousa impossivel atravessar por terra a America, de Santos ao mar do sul, visto como são todas essas regiões selvas povoadas do gentio.

Depois de havermos passado por tantos dias essa calmaria na linha, levantou-se um bello vento do noroeste⁽²⁾.

(2) Deve ser *nordeste* em lugar de *noroeste*.

Velejámos vinte dias, e fomos vêr as costas do Brasil, sem que soubessemos ao certo, em que paragem eramos d'aquellas partes. Fizemo-nos mais á terra, e descobrimos dois pequenos navios, um dos quaes foi tomado e o outro escapou-se. O que apprehendemos vinha de Pernambuco e demandava o Rio da Prata; levava mouros (negros) e algumas mercadorias.

Soubemos pelo piloto que nos achavamos no Cabo Frio, que dista doze leguas do Rio de Janeiro e trinta da cidade de Santos, onde tencionavamos ir ter. N'este navio encontrámos um frade (3) escondido em uma caixa de farinha.

Dirigidos pelo nosso novo piloto, chegámos á Ilha Grande, que está apartada doze leguas de Santos, e ahi nos assebhoreámos de cinco ou seis casas, com os portuguezes e selvagens do lugar.

N'esta Ilha Grande encontrámos muitas batatas, bananas, varias sortes de raizes, porcos e gallinhas, que nos vieram muito a proposito, e nos serviram de refrescos. Era tal a desordem que reinava entre os nossos, que os portuguezes se se tivessem havido com animo, teriam morto a muitos; pois os nossos brigavam uns com os outros por causa de comer, procedendo como se fossem não christãos, mas judeus. Os que melhor se proveram, escondiam-se em alguma cavidade, ou no mato debaixo de uma arvore, e ahi permaneciam enquanto lhes durava o alimento.

Quanto a mim, não pude obter (tal era a escassez) comestiveis nem dinheiro, e levado da fome metti-me pelo mato a vêr se encontrava batatas ou matava alguma caça. De caminho encontrámos sete ou oito da campanha, os quaes

(3) O traductor hollandez usa invariavelmente da palavra *monnik* (monge) para designar, quer frade, quer padre. E' assim, por exemplo, que se exprime com relação aos jesuitas, que não eram *monges*.

estavam a brigar por causa de um porco que haviam morto, procurando cada qual apossar-se do melhor pedaço. Emquanto jogavam o sóco tomámos um quarto do porco e o levámos para o mato, e nos regalámos esta tarde. No seguinte dia voltámos com uma boa provisão de raizes de batata. Ao chegarmos á casa, em que se achavam os musicos do general, os encontrámos occupados em preparar para o seu jantar oito cãeszinhos. Demos-lhes das nossas raizes, e elles, por sua vez, nos deixaram comer do seu guizado.

A' tarde puzemos fogo a um navio novo, queimámos todas as casas, e, desembarcados o negociante e todos os mouros, nos fizemos á vela d'esta ilha.

Fomos servidos de um bom vento, que em obra de seis horas nos transportou á ilha de S. Sebastião, sita a cinco leguas de Santos(4), Aferrámos, e tanto que nos achámos surtos no porto compareceram a bordo da almiranta todos os mestres e capitães de navio, para saberem de que modo o general pretendia acommetter a cidade de Santos(5), e foram todos de parecer que, para pôr em effeito a facção, bastavam a lancha ou batel grande e a chalupa, guarnecidas com cem homens, pois o piloto portuguez nos havia informado que a cidade não tinha fortificação alguma.

Pelas dez horas da noite, vespera do dia de Natal, achavam-se promptos os nossos batéis para seguirem para terra. Estavam todos tão desejosos de irem n'elles, que disputavam lugar e se lançavam ao mar uns aos outros.

Ouvindo o general o barulho, mandou que se recolhessem todos a bordo; mas eu, temendo por um lado o general, e desejando por outro ser dos primeiros que sahisses em terra, pois que anteriormente observára que os que vinham

(4) Todas essas distancias são maiores que as indicadas.

(5) *Villa do porto de Santos.*

por ultimo nada haviam ás mãos, metti-me na escotilha da chalupa, e ahi permaneci seguramente duas horas. Tendo-se n'este entretanto enchido a chalupa de gente, não pude eu sahir do meu escondrijo, e n'elle teria morrido abafado, se não me valêra o contra-mestre William Waldren, que dirigia a mesma chalupa, o qual, ouvindo gritar debaixo de si, levantou a tampa e assim me salvou a vida.

Pelas tres da madrugada descobrimos uma canôa ou batel de uma só peça de madeira, em o qual vogavam quatro portuguezes e duas mulheres. Uma d'ellas casar-se-hia pela manhã. Apprehendêmol-os, e nos acercámos de terra, onde aguardámos durante uma hora o nosso batel. Eis que ouvimos uma sineta tangida pelos portuguezes; e como nos dissesse o piloto portuguez, Gaspar Jorge, que era chegada a occasião de sahirmos em terra, pois pelo tanger d'aquella sineta sabia que os portuguezes estavam ouvindo missa, a qual se achava em meio, e o frade occupado em elevar a hostia, offerecendo-a á adoração do povo, nós sem mais detença desembarcámos todos, caminhámos direito á igreja e tomámos aos homens suas espadas, o que tudo correu mui facilmente.

Ahi permanecemos até ás sete horas, aguardando que chegassem a nossa lancha ou batel grande e o resto dos nossos, pois que com tão pouca gente (eramos vinte e tres) não ousavamos dar sacco á cidade; e d'est'arte tiveram tempo alguns portuguezes, que estavam em casa, de fugir e esconder o seu dinheiro. Achavam-se na igreja trezentos homens, afóra mulheres e meninos.

Saqueámos depois a cidade, e encontrámos grande provisào de viveres, numerosas cascas de limão confeitadas, assucar e farinha de cassave (mandioca), de que fizemos excellente pão. Saqueada a cidade e ordenadas as nossas forças, levou-se ao conhecimento do general o que se havia

feito, e, tendo elle transmittido suas ordens e instrucções, foram libertados todos os portuguezes, menos sete ou oito dos principaes que ficaram presos. Fortificámo-nos na cidade. O Sr. Cocke, capitão da vice-almiranta e da gente que desembarcára, veiu adiante (6).

Mostrou-se muito benevolo para comigo o Sr. Cocke, e permittiu-me assistir em uma das cellas do convento dos jesuitas, onde elle mesmo, varios capitães e mancebos nobres se foram alojar. Investigando eu todos os recantos das cellas, succedeu que, olhando para baixo de um leito, descobri uma pequena caixa que alli estava posta em um canto escuro. Essa caixa estava bem pregada e tinha os angulos orlados de veludo branco.

Puxando-a para mim, vi que pesava bastante; despre-

(6) John Jane, autor da relação da viagem do *Desire*, refere que, ficando Cavendish na ilha de S. Sebastião, partiram a 14 de Dezembro os capitães Cocke e Daseis com o *Desire* e a *Pinaça* para tomarem a villa de Santos, em cuja barra surgiram na noite de 15. Pelas nove horas da seguinte manhã chegaram á villa, e, como fossem descobertos, tiveram de desembarcar vinte e quatro gentis-homens, achando-se ainda um bom pedaço atraz o batel grande.

« The cause, accrescenta elle, why master Candish desired to take this towne, was to supply his great wants: for being in Santos, and having it in quiet possession wee stood in assurance to supply all our needs in great abundance. But such was the negligence of our governour master Cocke, that the indians were suffered to carry out of the towne whatsoever they would in open wiew, and no man did controll them; and the next day after wee had wonne the towne, our prisonners were all set at libertie, only foure poore olde men were kept as pawnes to supply our wants. Thus in three dayes the towne that was able to furnish such another Fleete with all kinde of necessaries, was left into us nakedly bare, without people and provisions.

« In conclusion wee departed out of the towne through extreeme want of victualles, not being able any longer to live there, and were receive a fewe canisters or baskets of cassavi-meale. »

guei-a, e encontrei n'ella mil e setecentas piastras, valendo cada piastra quatro schellings inglezes. Assentei morada n'esta cella, e ninguem soube do meu feliz achado.

Não se encontraram muitos pannos, camisas, cobertores leitos e outros moveis semelhantes.

No dia seguinte, que era de S. Estevão, os portuguezes nos fizeram tomar um rebate falso. Entretanto aportou o general com seus navios, e, desembarcando com duzentos homens, mandou que se lançasse fogo ao lado exterior da cidade. Mandou tambem fazer uma pinaça ou bergantim, que admittisse vinte remeiros, para com elle queimar todos os navios, que estavam surtos no porto. Encontrámos n'esta cidade um inglez, chamado John King, que, havia quinze annos, ahi se achava. Durante o tempo que nos demorámos em Santos esteve o general alojado no convento dos jesuitas, o qual dava muitas sahidias para o mar (7).

Dois indigenas, maltratados dos portuguezes, fugiram d'elles, e, como conhecessem bem as entradas do convento, foram ter certa noite á camara do general, e se apresentaram diante do seu leito com alguns porcos e gallinhas que consigo trouxeram. Acordando o general, começou a bradar por soccorro; mas um dos selvagens, que fallava portuguez, cahiu de joelhos dizendo que alli viéra, não para fazer-lhe mal, mas para implorar o seu patrocínio. Quando amanheceu, o general praticou com elles, e por elles soube das forças dos portuguezes, e bem assim que estes tencionavam, quando nos retirassemos da cidade, accommetter-

(7) Com quanto o padre Ignacio de Azevedo, visitador-geral dos jesuitas, extinguisse em 1567 o collegio de S. Vicente e mandasse os religiosos para o Rio de Janeiro, todavia conservou a casa que havia em Santos, a qual foi depois collegio com o nome de S. Miguel. Vide a *Memoria de Fr. Gaspar da Madre de Deus*, tomo segundo da *Revista do Instituto*.

nos e bater-nos. Informaram mais que tres embrulhos grandes com dinheiro e... (8) estavam enterrados debaixo de certa figueira, e nos conduziram a um campo, onde encontrámos trezentas cabeças de gado, de que nos servimos, emquanto ahi estivemos.

Um dos nossos navios pequenos, o *Daintie*, fez em Santos uma boa presa, pois, tendo chegado ao porto primeiro que os outros da frota, carregou-se de assucar e outras mercadorias valiosas dos navios portuguezes que ahi encontrára surtos. O capitão do *Daintie* viêra voluntariamente da Inglaterra connosco, e, como lográra agora tão bom lanço, declarou ao general que queria fazer-se na volta da Inglaterra; ao que respondeu o general que tencionava envia-lo para o Rio da Prata, e depois de boa vontade o deixaria partir.

Demorámo-nos dois mezes em Santos, o que foi parte para transtornar-se toda a nossa viagem.

Quando estavamos em Santos, vieram ter connosco varios cannibaes ou antropophagos, e pediram ao general que aniquilasse os portuguezes e conservasse para si o lugar, assegurando-lhe que todos elles tomariam voz pelo general. Este, porém, agradeceu-lhes as suas boas disposições e declarou que por então tinha cousa diferente que fazer.

Achámos tambem em Santos muito ouro, que os indios trouxeram de um certo lugar, chamado por elles *Mutinga* (9). Os portuguezes são ao presente senhores do lugar em que existem essas minas.

(8) A lacuna é do texto.

(9) *Piratininga*, segundo se depreheende do seguinte trecho da *Descripção das Indias occidentaes* de Johannes de Laet, pag. 515 da traducção franceza: « La ville de Santos fut prise et pillée par le valeureux chevalier Thomas Candish l'an 1591, et fut tenue par celui plus de deux mois; entre les autres depouilles il y fut trouvé un peu d'or, que les portugais disaient avoir été apporté là par les sauvages du lieu, nommé vulgairement *Piratininga*, où on dit que les portugais ont maintenant une mine.

Muitos dos nossos propuzeram ao general que passasse o inverno n'esta cidade, mas elle não quiz annuir a isto de modo algum.

Desde que parti da Inglaterra até Santos sympathisei muito com um japonéz de nome Christovão, porque observára que elle era habil em muitas cousas. Tornámo-nos amigos tão intimos que um nada occultava ao outro. Tendo-o conhecido fiel n'este espaço de tempo, fallei-lhe do dinheiro que eu achára debaixo do leito do religioso, e por sua vez communicou-me elle que havia obtido tambem certa somma de dinheiro. Fizemos então mutuo juramento de compartilhar tudo quanto Deus nos houvesse de conceder. Quatro dias depois, quando estavamos para partir, disse-me Christovão que a quadra do anno accommodada áquella navegação havia passado, e mais acertado era para nós ficarmos em terra e enterrarmos em algum lugar nosso dinheiro.

Estive por isso e annui a tudo o que elle teve por melhor. Assentámos que no dia do embarque elle metteria todo o dinheiro em uma canôa, e o iria enterrar na margem do rio. Assim, que entreguei-lhe na madrugada do dia da partida todo o meu dinheiro, jurando elle que voltaria dentro em duas horas. Esperei, porém, cinco, e houvêra esperado toda a minha vida, porque elle se embarcára com tudo! Embarquei-me tambem, e pelos meios competentes rehavei o que me pertencia, mas por causa d'esta deslealdade rompeu-se a nossa amizade.

Os nossos foram tambem por terra de Santos a S. Vicente e de caminho queimaram cinco engenhos (10).

Quando estavam a embarcar, era tal a desordem que reinava entre os nossos, que os portuguezes, se tivessem tido a mesma coragem que nós, poderiam ter-nos rôto. Os

(10) « Wee burnt Sant Vicent to the ground. » — *John Jane.*

dois indios, que entraram de noite no quarto de dormir do general, iam tambem comnosco para o estreito de Magalhães (11).

Ao partirmos de Santos, cursava um vento favoravel á nossa navegação para o estreito, e o tempo se manteve bello quatorze dias consecutivos. Porém dois ou tres dias depois cahimos em calmaria, e, tomando a altura, averiguámos que eramos defronte do Rio da Prata. Como nos achavamos alongados de terra, fizemo-nos na volta d'ella.

Tencionava o general enviar para o dito rio o *Daintie*, a *Pinaça* e mais outro navio; mas não aprouve ao Senhor que elle effectuasse o seu designio, pois no dia em que contavamos descobrir terra, entrou o vento a soprar rijo do sudoeste, o horizonte a ennegrecer, e as ondas a crescer de modo tal, que não podiamos avistar nenhum dos navios de nossa conserva, com quanto não estivessem elles longe de nós. Um golpe de mar, quebrando na pôpa do nosso navio, inundou o convés, cobrindo as pessoas que n'elle eram. Não foi pequeno o susto que passaram. Um batel de vinte toneladas afuzdiu-se diante de nossos olhos com doze homens e um grumete. Perdemos o nosso batel com tres homens. O navio *Roebuck* perdeu igualmente o seu batel com dois homens.

Impellido da tormenta, este ultimo navio veio bater contra a pôpa do nosso e abateu toda a nossa galeria. Tudo o que estava nos passeios cahiu no mar, tomando assim o caso para nós todos um triste aspecto, particularmente para

(11) Segundo o protesto assignado pelos tripolantes do *Desiré* e inserto na *Relação* de John Jane, Candish partiu da Inglaterra a 26 de Agosto de 1531; a 5 de Dezembro chegou á ilha *Placentia* (Ilha Grande), d'onde partiu a 11; a 14 aportou na ilha de S. Sebastião; a 16 foi tomada a villa de Santos, e d'ella se fez á vela o pirata inglez a 21 de Fevereiro de 1592.

mim, visto como tudo quanto possuía, assim em vestidos, como em dinheiro, foi ao mar. N'este entretanto mostrava-se o general activo e corajoso, pois andava a correr acima e abaixo, e a animar os seus, que estavam todos desmaiados, na persuasão de qua era chegada a sua ultima hora. A tempestade durou tres dias, e n'este espaço de tempo o vento nos arrancou dos mastros a maior parte de nossas velas.

Foi Deus servido que no cabo de tres dias entrasse o vento a amainar, mas o mar ficou tão picado, que o navio não podia supportar as velas. Emquanto as ondas assim sacudiam o *Leicester*, sem vermos os mais navios de nossa conserva, começou a companhia a murmurar, desejosa de tornar a Santos, visto como estavam todos persuadidos que a tempestade fizêra retroceder e impellira para a costa os mais navios, e mais avisado lhes parecia voltarmos tambem áquelle porto.

Notando o general as vozes que corriam entre a maruja, veiu á meia-coberta e ahi fez comparecer toda a tripulação.

Depois de a ouvir, declarou haver recommendado aos capitães e mestres dos navios da frota que, caso alguma tempestade os apartasse uns dos outros, fizesse cada qual o possível por tomar o porto Desejado, ahi se detivesse quatorze dias, e, succedendo não apparecerem as mais velas, puzesse um signal na praia e continuasse sua viagem, noticia esta que a todos contentou. O general prometteu tambem vinte libras ao primeiro que avistasse uma vela.

Fizemo-nos, pois, na volta do porto Desejado (12), onde

(12) Porto na costa da Patagonia. Deve o nome a Thomaz Cavendish, que, por occasião de sua primeira expedição, surgiu n'elle a 17 de Dezembro de 1586. Demora aos quarenta e sete grãos e cincoenta minutos de latitude meridional.

dez dias depois chegámos a salvamento. Ahi encontrámos todos os nossos navios, menos o *Daintie*, o que muito nos consolou.

Como a estação estava quasi passada, detivemo-nos sómente dois dias n'este porto. Em uma ilha sita diante d'elle, apanhámos alguns penguins.

Na boca do estreito de Magalhães sahiu-nos contrario o vento, e bordejámos tres dias primeiro que podessemos montar o cabo do porto Famine. Varias vezes lançámos ancoras diante do cabo em vinte braças d'agua, mas as correntes repelliam de subito os navios, fazendo-os garrar de suas ancoras e amarras. Levado d'essas correntes, um dos nossos navios veiu a descahir atravessado diante da prôa do *Leicester*, e forçoso foi, para safarmo-nos cortar nossas amarras, com que perdemos as nossas ancoras. Vingámos, finalmente, o cabo com muita difficuldade, e fomos surgir no porto Famine (13), onde nos demorámos sete dias, porque o tempo e o vento não nos permittiram proseguir em nossa derrota.

N'este entretanto sahiam os nossos diariamente em terra, à procura de mariscos e algumas frutas do lugar para sua alimentação, e bem assim da casca de uma arvore que tem o gosto de canella.

Certo dia em que o nosso batel foi a terra, vieram ter connosco mais de mil cannibaes trazendo pennas nas mãos,

(13) Porto na parte meridional do estreito de Magalhães. Foi n'esse local que os hespanhoes fundaram em 1581 a *Ciudad Real* ou *Filippolis*. para trancar o estreito aos seus inimigos; pereceu, porém, á fome a guarnição, que se compunha de quatrocentas pessoas. Quando Cavendish por ali passou em 1583, restavam apenas vinte e quatro hespanhoes, que andavam vagando por aquellas solidões, um dos quaes foi recolhido na almiranta. Por esta circumstancia deu Cavendish ao porto o nome que ainda hoje conserva.

mas não quizeram chegar-se tanto a nós que os podessemos tocar. Quando lhes offerecíamos alguma cousa, elles nos alongavam um bastão comprido, e em troca do que lhes davamos, apresentavam-nos as suas pennas. Demos-lhes a entender por signaes que desejavamos obter d'elles alguns alimentos, ao que nos responderam, tambem por signaes, que não tinham outra cousa senão o que podiam matar com suas flechas.

Atraz disse eu, que o mar comêra a minha roupa e a minha caixa. Achando-me, pois, n'aquella fria zona sem os vestidos necessarios para me aquecer, tinha por certo que não havia de viver muito tempo, porquanto muitos dos nossos, que pela manhã se achavam em boa disposição, á noite estavam mortos de frio. Acertei tambem de desembarcar a vêr se obtinha algum alimento, visto como estavam muito mal providos de viveres em nosso navio.

Tornei a recolher-me a bordo, mas estava tão maltrapi-lho e tinha os pés tão molhados, que pela manhã os não sentia, nem pude mover as pernas, e tirando as meias, sahiram com ella os dedos. Não tinha, pois, sensação nos pés e estavam elles tão negros como ferrugem de chaminé, pelo que não podia eu dar um passo.

N'este estado permaneci quatorze dias, até que chegámos a uma formosa bahia, onde demoram varias ilhas. Nas pedras ou parceis d'essas ilhas vimos aqui e acolá umas pequenas atalaias ou guaritas feitas da entrecasca de arvores, e depois varios indios; mas nenhum quiz vir ter comnosco. Do lado sudoeste encontrámos um rio, que supuzemos correr para o mar do sul. O general mandou que o batel grande o subisse, e os nossos averiguaram ser elle estreito e fundo. Em ambas as suas margens encontram-se mexilhões e n'elles perolas; razão por que o denominámos *rio das Perolas*. A' bahia demos o nome de *Tobias-bay*, porque

foi Tobias, capitão da *Pinaça*, quem primeiro a achou e descobriu.

Partimos d'esta bahia e fomos entrando o estreito, mas não nos servia o vento, e era tão intenso o frio que todos os dias morriam em nosso navio oito ou nove homens. Harris, ourives de seu officio, perdeu aqui o nariz com o frio, pois, querendo assoar-se com os dedos, lançou o nariz no fogo, como podem testemunhar John Chamber, Cesar Ricasen e outros que se acham presentemente na Inglaterra.

Vendo o general que assim expunha á morte a sua gente, e sabendo por experiencia que aquelle vento contrario á sua navegação havia ainda de reinar, pelo menos, uns dois mezes, assentou que o mais avisado era tornar-se ás costas do Brasil, repartir a nossa frota pelos portos, surgir outra vez no de Santos, d'onde seguiria para o Rio de Janeiro e depois para o Espirito Santo. Quanto aos cabos, velas e viveres de que necessitava, esperava prover-se por meio de presas, que sem duvida faria em uma ou outra paragem.

Achava-me eu no estreito de Magalhães em tão máo estado, que todos suppunham que não tardaria a expirar, e por duas vezes me levaram acima, afim de me deitarem ao mar, como teria acontecido se não fosse Deus servido de permittir que, quando já haviam feito a prece dos moribundos, segundo o costume, e me haviam agarrado para me sepultarem nas ondas, cobrasse eu a falla, e lhes pedisse que me deixassem morrer primeiro para então me jogarem ao mar.

O general, deliberado a se fazer na volta do Brasil, tornou ao porto Famine, onde a frota se deteve dois dias. Contaram-se os que restavam. Mandou o general desembarcar os que se achavam mui enfermos, recahindo a escolha sobre

oito dos nossos (14). Quiz elle mandar-me tambem para terra, mas como intercedeu por mim o capitão Cocke, fiquei a bordo. Segundo disse, estava eu esfarrapado, privado dos dedos dos pés, e tão coberto de piolhos, que elles (Deus me é testemunha) fixavam-se apinhados nas carnes; e isto não se dava só comigo, mas com muitos outros. Não tinha cama, e jazia sobre uma caixa.

Sahiram os nossos navios do estreito (15), menos o *Daintie*, que a tempestade apartára de nós na altura do Rio da Prata, e não o tornámos mais a vêr; o *Crow* sosso-brára.

Despejado que foi o estreito, fomos surgir no porto Desejado. Ahi dirigiram-se os batéis á ilha dos Penguins para apanhal-os, e o general recebeu um cirurgião que curava os doentes com palavras. Veiu elle a bordo ter connosco, e havendo proferido algumas palavras sobre meus pés, reapareceu-me nas pernas e pés a sensação que, havia quatorze dias, eu perdêra. Antes da vinda d'este homem havia eu posto muitas vezes ferros aos pés, sem que me despertassem a sensação, apezar de estarem esses ferros quentes.

Quando estavamos a largar d'este porto, o general convocou a seu bordo os capitães dos navios, e lhes recommenidou que o acompanhassem em sua derrota até meia-noite, e então se afastassem d'elle, quando fizesse um signal de duas luzes, e d'essem volta para terra. Davis, porém, capitão do *Desire*, e Tobias, mestre do hiate ou pinaça, nos enganaram e voltaram para o estreito, como posteriormente

(14) « All the suche men in the galeon were most uncharitably put a shore into the woods in the snowe, raine and celd, where men of good health could skarcely indury it, where they ended their lives in the highest degree of misery. » — *John Jane*.

(15) A 18 de Maio de 1593, segundo John Jane.

eu soube por alguns dos seus tripolantes que foram apprehendidos depois de mim no Brasil (16).

Tres ou quatro dias depois saltou connosco uma tormenta, que rompeu o mastro do *Roebuck* e fê-lo apartar-se de nós, de modo que ficámos no mar, mettidos em um navio grande sem companhia alguma.

Não sabiamos o que nos cumpria fazer. Assentou-se, finalmente, em seguirmos para Santos, com o fundamento de ahi encontrarmos os navios de nossa conserva.

Durante essa tempestade estava eu sentado sobre uma caixa sem poder utilizar-me dos meus proprios membros ; e, succedendo inclinar-se o navio de um lado, resvalou a caixa de estibordo para bombordo, indo parar entre um canhão e a cama do mestre carpinteiro de um lado, e do outro, entre igualmente um canhão e a cama do cirurgião, e assim permaneci toda a noite penetrado de frio. Graças a Deus, não virou a caixa, que, se tal houvesse acontecido, eu não teria certamente evitado a morte.

Ao outro dia acalmou-se a tempestade. A maior parte dos marinheiros e gageiros, fatigados da faina da noite inteira, vieram dormir debaixo da coberta, e quando os chamavam para algum serviço não acudiam. Isto deu lugar a que o general descesse, munido de um pedaço de cabo do tamanho e grossura de um braço. Um dos marinheiros, vendo-o approximar-se, escondeu-se atraz de mim, mas o general deu fé d'elle, e atirou-lhe um golpe que me alcançou em um

(16) Cavendish attribue todas as suas desgraças a essa retirada do capitão Davis com os pequenos navios da flotilha, unicos proprios para entrarem em nossos portos.

John Jane, amigo de capitão Davis, lança a culpa a Cavendish, que, alterando sua derrota, deu lugar a que se apartasse o *Desire* do *Leicester*. Foi o *Desire* surgir no porto desejado, e, tendo ahi esperado embalde pelo general, seguiu para o estreito de Magalhães.

lado da cabeça, com que fiquei como morto; e como meia hora depois ainda me achassem a jazer no estado em que me deixára o general, agarraram-me para me lançarem ao mar por uma das portinholas, mas aprouve ao Senhor que eu entrasse a fallar justamente n'essa occasião, o que me valeu a vida. Aqui um d'aquelles indios, que foram de noite á camara do general, acertou de cahir ao mar e morreu.

Depois de passarmos muitos trabalhos, alcançámos enfim o porto de Santos, onde, porém, não encontrámos nenhum dos navios que se haviam apartado de nós. Aferrámos diante de um engenho sito na borda do mar. Perguntou o general se alguém desejava desembarcar, e a isto se offereceram os capitães Stafford, Southwell e Barker, e com elles mais umas vinte pessoas. Metteram-se em um batel feito de caixas de assucar e aduelas de pipas de vinho, vogaram para terra e assenhorearam-se do engenho. Ahi encontraram um barco grande; tomaram-n'o, encheram-n'o de viveres, e o enviaram para o nosso navio, onde foi mais aceito do que se viêra carregado de ouro. Ficámos ahi todo este dia. No outro tornaram elles a enviar ao *Leicester* o batel grande carregado de assucar e milho. O general lhes mandou recado que se recolhessem quanto antes a bordo, ao que responderam que ainda havia provisões em terra, e não se embarcariam emquanto não expedissem tudo para bordo.

Tres dias depois de haverem os nossos desembarcado, foram sorprendidos pelos portuguezes. Lá se achava o batel pequeno, mas, como o vento cursava de terra, succedeu que este dia não foi a ella o batel grande, e sim no immediato, e de volta nos trouxe a noticia de como fôra aquelle outro batel espedaçado e os nossos mortos. Um dos indios, de que tenho fallado varias vezes, havia acompanhado os nossos. Quando estes e os contrarios se achavam no mais acceso da briga, o indio, vendo-se já ferido de flecha no pescoço,

boca e mais partes do corpo, e conhecendo a disposição do lugar se pôz em fugida, nadou para o *Leicester* em um pedaço de madeira, e nos referiu que toda a nossa gente havia sido rôta (17).

Pareceu ao general acertado partir d'este porto para a ilha de S. Sebastião, e caso não encontrasse ahi nenhum dos seus navios seguir para a Inglaterra; mas no dia em que iamos partir de Santos appareceu além da boca do rio Bertia (18), onde nos achavamos surtos, o navio *Roebuck*. Disparou um tiro de canhão, a que respondemos. Veiu, pois, ter connosco com o seu mastro partido, e juntos nos approximamos da cidade, afim de arrasal-a com a nossa artilharia. Encalhou, porém, o galeão *Leicester* pela pouca profundidade d'agua, e com muito custo foi posto a nado. Em consequencia d'isto, assentou-se em que se dirigissem oitenta homens para um pequeno rio que não fica longe da cidade, e desembarcassem no campo das mandiocas, batatas, bananeiras e pinheiros.

Os portuguezes, vendo os nossos subirem o rio, sahiram ao seu encontro em seis canôas; mas, tanto que os nossos atiraram, retrocederam, de modo que dos batéis, depois de se haverem provido abundantemente d'aquellas raizes, se tornaram a recolher a salvamento em nossos navios.

Achava-se no *Leicester* um portuguez que tinha sido aprisionado no navio que tomámos em Cabo Frio. Acompanhára-nos em nossa viagem ao estreito de Magalhães. Vendo os males que nos affligiam, disse que conhecia uma cidade

(17) Esta narração differe em varias circumstancias de Cavendish. —Carta citada.

(18) Bertioça? Cavendish diz haver surgido na *bahia de S. Vicente*; mas um navio do porte do *Leicester* não podia surgir senão na *barra grande de Santos*.

chamada Espirito Santo, da qual os nossos navios se podiam approximar, e nós, a nosso salvo, assenhorearmo-nos de muitos engenhos e havermos n'elles numeroso gado. Este dito do portuguez nos fez mudar do proposito em que estavamos de buscar a ilha de S. Sebastião ; dirigimo-nos, pois, para o Espirito Santo.

Depois de uma viagem de oito dias, chegámos á boca do porto, e emfim surgimos. O general ordenou logo que sabissem os batéis a sondar o canal que vai para o interior, e isto feito não se encontrou metade da profundidade indicada pelo portuguez. Contrariado o general, e entendendo que o portuguez o illudira, fêl-o enforcar sem mais indagações (19).

Todos os gentis-homens, que ainda restavam, pediram para sahir em terra e entrar á cidade. Não pareceu ao general acertada a empreza, e apresentou diferentes difficuldades, mas nem por isso desanimaram aquelles, e tanto insistiram, que o general escolheu cento e vinte (20) dos melhores homens que havia em ambos os navios, e lhes deu por chefes o capitão Morgan, excellent soldado, e o tenente Royden.

Um dos batéis foi ter diante de um fortim, d'onde os nossos repelliram os portuguezes. O segundo batel entrou um pouco mais pelo rio, e chegou a um lugar onde escaramuçaram vivamente com o inimigo, perdendo quasi todos os nossos as vidas; porquanto, havendo desembarcado sobre uma penha que se achava diante do forte, ao saltarem do batel, resvalaram, e, armados como estavam, cahiram no

(19) O piloto portuguez assegurára que o general encontraria cinco braças d'agua na barra do Espirito Santo, o que está de accordo com o que affirma Pimentel em seu *Roteiro*, pag. 304: « na entrada d'esta bahia ha oito, sete, seis braças, e mais dentro cinco, »

(20) Obra de oitenta homens, diz Cavendish.

mar e se afogaram quasi todos. Em uma palavra, perdemos oitenta homens (21), e dos quarenta que voltaram não havia um que não estivesse ferido de flecha, e alguns o estavam em cinco e seis partes do corpo.

Uma vez que não tínhamos aqui que esperar proveito algum, assentou-se em voltarmos á ilha de S. Sebastião, onde queimar-se-hia um dos nossos navios, e depois seguiríamos para o estreito de Magalhães. Os do navio *Roebuck*, inteirados d'isto, se foram embora durante a noite, de modo que tornámos a ficar sós. Aportámos de feito na ilha de S. Sebastião, segundo fôra determinado.

N'este entretanto permanecia eu debaixo da coberta, enfermo, estropiado e quasi morto á fome, e tão desfallecido estava que não podia subir nem descer.

Quando chegámos a esta ilha de S. Sebastião, foi o primeiro cuidado pôrem os doentes em terra, afim de que elles se houvessem como melhor podessem. Foram desembarcados vinte, que com quanto se achassem fracos, podiam todavia ter-se em pé e andar; eu, porém (bem como um outro), estava em pessimo estado, pois—pobre de mim!—tinha ainda esbrugados os dedos dos pés, o corpo fraco, e não podia andar nem fallar.

Assim indisposto me depuzeram em terra, e n'esse lugar permaneci desde as cinco horas até das onze para o meio-dia, quando o sol, attingindo o ponto culminante, diffundi-me tal calor pelo corpo, que voltei a mim, despertando como de um somno. Olhei ao redor de mim, e vi os que foram postos em terra comigo, uns mortos e outros moribundos. Haviam elles comido de certas ervilhas que crescem na borda do mar, e envenenaram-se! Quando vi estendidos alli aquelles companheiros, rendi graças a Deus por havê-los

(21) Vinte e cinco, assegura Cavendish. Em pontos essenciaes di verge a carta de Cavendish da narração de Knivet.

livrado de suas miserias, e lamentei que tão cruel fosse a minha desventura, que a mesma morte se recusava a pôr fim á minha penosa e mesquinha existencia!

Olhei para o interior da terra, e, não descobrindo senão aquellas ervilhas, reflecti que, se comesse d'ellas, morreria, e se não comesse, o resultado seria o mesmo — pereceria de fome. Fitei o mar, esperando que de novo viesse o batel á terra; mas, ai de mim! foi illusoria a minha esperança. Não me restava, pois, senão aguardar que dentro em breve viesse a morte.

No entretanto, baixando as aguas, foi Deus servido que eu avistasse o que quer que fosse a se mover na praia; fui-me arrastando para ella de gatinhas, qual uma criança, e encontrei na lama muitos carangueijos. Tirei uma das minhas meias, enchi-a d'aquelles crustaceos, e, ajudando-me o melhor que pude, dirigi-me de rastos para uma figueira ôca, onde achei um grande fogo. Puz os carangueijos sobre as brasas e comi-os; isto feito, deitei-me e dormi até á seguinte manhã. Quando amanheceu, puz-me a observar a maré, esperando tornar a obter do mesmo alimento, e assim me fui nutrindo uns oito ou nove dias, sem vêr pessoa alguma.

Como o fetido dos cadaveres, que o mar não levára, era mui forte, procurei afastar-me d'aquelle lugar. Fui caminhando pela praia á procura de outro sitio onde assistisse, e cheguei a um formoso rio que desagua no mar. Comó havia ahi agua doce, pareceu-me que encontrára um excellente local onde me fixasse; mas não se havia mettido meio quarto de hora depois que ahi chegára, quando vi um grande vulto levantar-se d'agua, o qual vulto tinha no dorso grandes escamas, medonhas e não menores garras, e uma comprida cauda. Dirigio-se esse animal para mim, e, não podendo eu evital-o, fui ao seu encontro, e fiquei attonito com vêr

diante de mim semelhante monstro! Deteve-se elle abrindo as fauces, e me apresentou uma comprida lingua, qual harpão. Entreguei-me nas mãos do Senhor, certo de que seria devorado; retrocedeu, porém, o monstro, e metteu-se outra vez no rio. Acompanhei-o até á margem.

Não ousando permanecer n'esse sitio, no seguinte dia fui mais para dentro, e encontrei na praia, a modo de um navio de quilha para cima, uma baléa, coberta de uma sorte de musgo, por alli se achar desde algum tempo. Construi n'esse lugar uma cabanazinha, e vivi quatorze dias da baléa.

Por esse tempo mandou o general desembarcar, no lugar em que me haviam posto em terra, quarenta homens a cargo de John Chambers (de presente em Londres), para ahi pescarem com uma rêde e limparem o seu batel. Desembarcada esta gente, abandonei o meu rancho e a baléa; e como achava-me então soffrivelmente bem disposto, e podia caminhar por haver curado os dedos dos pés com agua do mar, fui ter com os nossos.

Tendo estado esses homens em terra sete ou oito dias, e havendo preparado agua e lenha para o navio, desembarcaram os portuguezes do Rio de Janeiro na ponta do norte da ilha, não longe da baléa, e apprehenderam dois dos nossos, escapulindo-se um terceiro, que á noite nos veio avisar de como haviam sahido em terra portuguezes e selvagens.

N'este mesmo dia apanhámos na praia uma grande tartaruga, e rogámos aos companheiros que tivessem animo, pois, a ser aquillo verdade, bom seria para nós, persuadidos como estavamos, que o general não nos tornaria a receber a bordo (22). Encommendámo-nos, pois, a Deus,

(22) Cavendish assegura que muitos dos seus preferiam passar-se para os portuguezes a acompanhal-o outra vez ao estreito de Magalhães.

bebemos agua pura á saude de nossos amigos, e resolvemos caminhar pela praia, com uma camisa branca á guiza de bandeira de paz (o mar, porém, estava tão alto que a não podemos fazer vêr). Assentámos de montar guarda, revezando-nos aos quartos, até que os avistassemos.

Fui eu quem fez a primeira guarda, e estando fatigado de vigiar, chamei um dos companheiros para me render mas, respondendo-me elle com voz forte : — Tá! tá! isso não passa de uma mentira!—fui ter com elles e me detei a dormir junto ao fogo. Não havia, porém, adormecido, quando foram comnosco os portuguezes. Levantei-me de prompto, mas fui agarrado de um d'elles por uma perna. Levaram-nos todos para bordo do mar. Bateram com páos accesos sobre as cabeças de todos que foram apprehendidos comigo.

O indio que me vigiava estava munido de um facão, e correu-me duas ou tres facadas, mas eu as evitei e exclamei em portuguez « que lhes contaria algumas novidades se me poupassem a vida. »

Acudiu um portuguez, e tomando-me preso, contei-lhe algumas cousas como melhor pude, e assim conservei a vida por então.

Entregando-me o portuguez outra vez ás mãos de um selvagem, declarei que acompanharia aquelle para onde me quizesse levar, ao que observou o portuguez que eu nada tinha que temer, visto como o selvagem era um dos seus escravos e conduzir-me-hia ao capitão. Assim, que forçoso me foi acompanhar o selvagem, sem saber para onde.

Levou-me este cannibal pela praia, e fomos ter a uma penha que sahe ao mar; tomou-me então elle ás costas, e, tendo nadado comigo por fóra dos parceis, continuámos a nossa viagem, e caminhámos quasi toda a noite, até que enfim chegámos a um grande banco na costa. Ahi o

selvagem assobiou, foi respondido por um outro selvagem, e appareceram immediatamente cinco ou seis portuguezes, e entre elles o capitão.

Este trazia nas mãos um pedaço de pão e marmelada, e ao vêr-me perguntou o que tinha de novo a lhe dizer? Respondi que tinha muita fome, pelo que lhe rogava que me dêsse alguma cousa a comer, e depois lhe contaria tudo o que soubesse. Entraram os portuguezes a rir, e deram-me pão e peixe. Feita a refeição, respondi com verdade a tudo quanto me perguntaram.

N'esta surpresa morreram vinte e oito dos nossos, escapando sómente eu e Henrique Barraway, pela minha intervenção.

CAPITULO II

Knivet é levado ao Rio de Janeiro e convive com os portuguezes e indios.—Faz varias excursões n'aquellas partes.

No dia seguinte o *Leicester* levantou ancoras e se fez á vela; mas para onde não sabia eu.

Quanto a nós, levaram-nos os portuguezes para o Rio de Janeiro. Estava eu ás ordens do sujeito que, na noite em que me aprisionaram, salvou-me a vida. Era este sujeito um *mestiço*, o que quer dizer—meio portuguez, meio indio.

Em numerosas canôas chegaram os portuguezes á cidade de S. Sebastião, sita no Rio de Janeiro.

Entraram fazendo uma tal matinada com gaitas e tambores, que acudiram á praia todos os vizinhos da cidade para nos verem. Dispuzeram-se as canôas em circulo, como se fossem combater. N'isto me agarraram dois portuguezes e me jogaram para terra, dizendo: *Ahi vai o nosso esbulho.*

Descabeçava a maré com muita força e levou-me para o fundo. Eu ter-me-hia, sem duvida, afogado se não me valêra uma certa mulher, a qual, vendo que a correnteza me arrebatava, mandou em meu auxilio dois ou tres dos seus negros, e assim me salvou.

Sendo em terra, e sabendo que todos os portuguezes se achavam na igreja de Nossa Senhora (23), quiz entrar tambem no templo, mas não m'o permittiram elles pela razão de não ser eu *christão*.

Levaram-me logo á presença do governador (24), que fez presente de minha pessoa ao mesmo individuo que me salvára a vida, com o que muito folguei, porque não havia sido maltratado d'esse sujeito, desde que com elle vim da ilha de S. Sebastião. Assisti com elle tres mezes. Pôz a meu cargo uma casa de sua priopriedade. Levava eu os seus porcos para o mar, e ao voltar trazia-lhe uma mancheia de grandes caranguejos, que eu tirava dos buracos que esses crustaceos fazem na lima, mettendo o braço quanto este podia alcançar.

Foi-me esta uma vida commoda. Meu amo chamava-me de filho; jantavamos e ceivamos juntos; dormia eu em uma réde no mesmo quarto que elle occupava.

Certo dia em que eu estava occupado a lavar na praia os bicorinhos, fui sorprendido por uma canôa com portuguezes. Levaram-me consigo para a cidade. Não tardei a descobrir a casa de meu amo e corri para ella. De caminho vi Henrique Barraway.

No seguinte dia fui conduzido á presença do governador. Perguntou-me quem era; respondi-lhe que um pobre mari-

(23) Não nos consta que houvesse então na cidade de S. Sebastião alguma igreja com esta invocação.

(24) Salvador Corrêa de Si, que exercia o seu segundo governo desde 1578.

nheiro. Ouvindo isto, Henrique Barraway quiz reprehender-me, e perguntou-me qual era o meu intento exprimindo-me assim. Retorqui-lhe que eu não era senão o que havia dito.

Ordenou o governador que me levassem para o engenho.

Ahi permaneci tres mezes, incumbido de andar acima e abaixo, em um batel, a transportar cannas e madeira para o engenho. Labutei assim até que se fizeram em pedaços os meus vestidos.

Vida mofoina! Não tinha que comer nem que vestir, e recebia tantas pancadas como um escravo nas galés. Desesperado, envergonhado de que os portuguezes me vissem por mais tempo tão desnudado, assentei de fugir para as florestas, e assim fiz.

Preparei uma cabana em uma grande cavidade no mato, e n'ella vivi sete mezes.

De dia ia pescar para viver, e de noite buscava a casa dos indios, com quem commutava peixe por farinha de cassave e varias sortes de raizes que me serviam de pão. Afinal mandou o governador buscar-me, vestiu-me e ordenou-me que fosse trabalhar em uma horta. Para ahi transportava terra, e cavava para plantar couves e nabos.

Algum tempo depois tive ordem de metter-me de novamente no batel de assucar. D'esta vez trataram-me mais duramente que d'antes, pois o feitor tinha-me odio e a todos os inglezes, e procedia comigo como se eu fôra antes um cão do que um homem.

Havia quatro mezes que eu lidava no batel, quando chegou do Espirito Santo Martim de Sá, um dos filhos do governador.

Este homem, compadecido de minha sorte e misera vida, pediu ao pai que me dêsse a elle, o que lhe foi concedido, e muito contente fiquei com o meu novo amo.

Tendo eu servido dois annos a Martim de Sá, succedeu de gostar-se elle de sua madrastra (25), d'onde se causou ordenar-lhe o governador seu pai, que elle fosse para um lugar chamado *Wianasses* (26), cujos moradores tinham pazes com os portuguezes, e por facas e machados lhes vendiam mulher e filhos.

Acompanhei meu amo em sua viagem.

Chegámos a um lugar chamado *Jawarapipo*, o que vale tanto como: *é esse o cão?* Vendo Martim de Sá que eu o servia com solicitude, ordenou-me que com oito dos seus escravos, carregados de machados e facas, fosse buscar um outro genero de selvagens chamados *Pories* (*Puris*), que haviam igualmente assentado pazes com os portuguezes; desde muito, porém, os portuguezes os não procuravam.

Fui, pois, ao dito lugar, onde me receberam do seguinte modo:

Fui conduzido a uma casa grande, que suppuz ser do rei d'elles, a quem chamavam *merovichava* (*morubicaba*). Tanto que ahi cheguei, ataram uma bonita rêde entre dois postes, e me fizeram sentar n'ella. Isto feito, apresentaram-se-me não menos de vinte mulheres, algumas das quaes reponsaram as cabeças sobre os meus hombros, e outras sobre os meus joelhos, e entraram todas a fazer uma tão temerosa algazarra, que fiquei pasmo; entendi, porém, que devêra conservar-me quieto até que houvessem acabado (27).

(25) *Schoonmoeder*, assim como a palavra franceza *belle-mère*. tanto significa *sogra*, como *madrasta*.

(26) Os habitantes é que se chamavam *Guayanazes*, e senhoreavam a costa desde Angra dos Reis até Cananéa.

(27) « É mui geral entre os indios este costume, mais natural do que talvez pareça á primeira vista; porquanto o primeiro sentimento que se agita é o do lapso de tempo decorrido desde a ultima entrevista, dos amigos perdidos n'este intervalo, e das mudanças e vicissitudes da vida humana. » — *Southey*.

Retiraram-se as mulheres, e entrou um velho, cujo corpo estava pintado de vermelho e negro. Tinha na cara tres grandes buracos, um no labio inferior e outro em cada face; em cada um d'esses buracos trazia uma pedra verde. Armado de uma maça ou espada de páo, se pôz diante do lugar que eu occupava; fallou com voz firme e forte; bateu nos peitos e coixas, berrando como se houvéra perdido o sizo. Não fez outra cousa o velho cannibal senão gritar e passeiar de um para outro lado. Depois de todo esse berreiro, bateu-me sobre a cabeça, deu-me as boas vindas, e mandou que me apresentassem a comida que havia em sua casa.

Duas ou tres horas depois da minha chegada havia-se propalado, por toda a aldêa e lugares vizinhos, que eu alli era vindo.

Estando eu n'essa aldêa, veio ao lugar em que me achava um selvagem chamado Waynembuth, acompanhado de duas mulheres. Este selvagem Waynembuth tinha odio entranhado aos portuguezes. Collocou as mãos no pescoço d'aquellas mulheres, e começou a bailar com ellas diante de mim.

Tendo assim dansado obra de um quarto de hora, fallou-me por estes termos: « Estais vendo estas mulheres? Pela minha valentia conquistei os seus favores, e jurei satisfazer o seu desejo, que é matar-te, como tenho feito a outros. »

Observei-lhe que eu não viêra como inimigo seu ou de algum dos seus, e sim como amigo para lhes trazer algumas cousas que sabia lhes faltavam; e se só a minha vida o podia satisfazer, assegurava-lhe que por isso haviam de soffrer elle e a sua aldêa. A isto não me respondeu, e encaminhou-se para os meus haveres, que eu puçêra junto a mim para passal-ós ás suas concunbinas.

Vendo eu isto, levantei-me da rêde, puxei da espada, e o

repelli de tal modo dos meus haveres, que quasi o puz por terra e tirei-lhe a vontade de repetir a tentativa. Foi-se pôr ao longe a dizer-me injurias e a ameaçar-me de matar-me, e isto com taes gritos que acudiu o *morubixaba*.

Vendo-me este com a espada em punho, perguntou-me o que havia. Contei-lhe o que se passára entre mim e o meu adversario. Ouviu-me o velho, e, voltando-se então para o cannibal que me quizera fazer força, perguntou-lhe que razões tinha para lhe fazer tal vergonha, offendendo a um dos seus amigos em sua casa ? E com animo irado intimou-lhe que se retirasse de sua aldêa, pois do contrario arrepen-der-se-hia de alli ter ido.

Com isto retirou-se Waynembuth com suas barregãs, temendo mal maior.

A' seguinte manhã recebemos a noticia de como Waynembuth se puzera em marcha com trezentos flecheiros, com o fim de levar-me á força para sua aldêa e ahi matar-me, segundo o modo de sua terra, bem como que recommendára ás suas mulheres que tivessem preparado o vinho por toda a aldêa.

Informado d'isto o velho *morubixaba*, logo ordenou que todos os seus se puzessem em armas, e abalasses com elle para repellir o cannibal que lhe viéra fazer aggravo. Mostraram-se todos igualmente dispostos e animados, dizendo que preferiam morrer a incorrer no desagrado do *morubixaba*.

Abraçou-me este varias vezes, e pediu-me que o esperasse em sua casa. Agradei-lhe a sua generosidade, mas protestei que de nenhum modo me deixaria ficar em casa. Sahi, pois, com elle a campo para dar batalha aos cannibae.

Sendo no campo, averiguámos que eramos muito mais numerosos que os contrarios. Enviaram-nos elles tres ou quatro dos seus, como embaixadores, para avisar-nos que

vinham folgar e escambar comnosco o que tinham. Em resposta, o velho lhes concedeu a todos a liberdade de irem á sua aldêa, menos áquelle cannibal que no dia anterior o havia offendido.

A tarde fiz presente ao velho de todos os meus haveres, e lhe pedi que em retribuição houvesse de mandar-me pôr fóra de suas terras.

No outro dia deu-me o velho setenta escravos e trezentos flecheiros para me conduzirem até á outra banda do rio Parahyba. D'ahi voltou essa escolta, e em quarenta dias fui ter facilmente á ilha Grande, onde encontrei Martim de Sá, que muito folgou com a minha volta e prometeu dar-me um dos selvagens por escravo; mas, quando chegou ao Rio de Janeiro, vendeu-os todos e não me deu nenhum.

Depois de estar em casa dois mezes, quiz o meu amo mandar-me de novo ás terras dos selvagens para haver escravos. Como, porém, eu soubesse que os não haveria, mostrei má vontade a fazer esse serviço. Ameaçou-me o meu amo de reenviar-me a seu pai, conjecturando que eu preferiria ir ter com os selvagens a voltar ao batel de assucar. Mas, na esperança de ser melhor tratado, mostrei-me disposto a tornar ao engenho do governador.

Com effeito voltei, e sendo em casa do governador, ordenou-me elle que fosse pescar em um batelzinho, afim de tirar do pescado azeite para o engenho.

Certa noite sahi para pescar um cão marinho, que os portuguezes chamam *tubarão*. Para este fim colloquei-me ao lado de uma penha, puz debaixo de mim a linha de pesca e ferrei no somno.

Por volta da meia-noite, com o repontar da marê, veiu um tubarão, e arrebatou-me debaixo de mim a corda e o anzol. Acordei, lancei mão da corda, e, sem saber como, resvalei da rocha. Envolvendo-se-me na perna a corda,

puxou-me o peixe para dentro do mar. Tanto que cahi n'agua, deitou-se para mim o monstro, como se me quizesse devorar. Vendo-o approximar-se e que tinha na boca o anzol, puxei-o com a mão e elle recuou. Lembrei-me que, segundo o costume dos indios, trazia atada ao pescoço uma faca; valli-me d'ella, e fiz em pedaços a corda, que, se tal não fizera, houvéra certamente terminado a minha mesquinha existencia.

Fiquei todavia mui maltratado das pancadas que recebi, batendo de encontro á rocha. Em quatorze dias não pude andar nem ter-me em pé.

Quando me restabeleci, tornou o governador a mandar-me pescar.

Por esse tempo soube-se no Rio de Janeiro que o Sr. Hawkins (28) se achava no Cabo Frio. Esta noticia foi parte para que eu com tanto melhor vontade sahisse á pesca, quanto esperava abordar os seus navios.

Com effeito, estando a pescar, certo dia, junto á uma ilha arredada duas leguas de terra, passaram por diante d'ella ao longe os navios do Sr. Hawkins, e como o tempo estava claro os pude reconhecer. Tanto que os avistei, mandei que desembarcassem na dita ilha os indios, que me acompanhavam, recommendando-lhes que fossem procurar provisões para nós. Conjecturava eu que o Sr. Hawkins levaria a sua gente a refrescar, áquella noite, na ilha de S. Sebastião.

Desembarcados os indios e terçando-me o vento, icei a vela e governei para a ilha de S. Sebastião. Mas sabiu-me tão contraria a sorte que, quando avistei os navios, fui salteado de uma subita tormenta que me impelliu para uma

(28) Parece-nos que este Hawkins não é o conhecido marinheiro inglez, *Sir John Hawkins*, mas o seu filho *Sir Richard Hawkins*, que em 1503 empreheudeu á sua custa uma expedição para as Molucas e Indias orientaes, e visitou as nossas costas.

liha (29), tão pejada com parceis, que o meu batel se fez em pedaços entre elles, e eu mesmo feri-me nas rochas e fiquei em lamentavel estado. Tomei terra n'essa ilha, e n'ella passei tres dias sem comer e sem saber como a havia de abandonar.

N'este entretanto os indios que eu deixára na ilha, junto a qual estivemos a pescar, foram contar ao governador que eu os enganára. Assim informado, mandou o governador sahirem duas canôas em procura dos navios.

Abicaram as canôas á ilha em que eu naufragára, e ahi me encontraram os portuguezes mui mal ferido das rochas e quasi morto á fome. Em seguida endireitaram para a ilha de S. Sebastião, mas, como já havia partido o Sr. Hawkins, voltaram ao Rio de Janeiro.

Para ahi me levaram com as mãos atadas atraz das costas. Fui recebido de todos com apodos e o epitheto de fugitivo. Conduziram-me á casa do governador, que olhou-me com o senho carregado e ordenou que me levassem á prisão.

Estive encarcerrado quatorze dias, jazendo no chão como um perro, e tendo por unico alimento agua e farinha de cassave. Tendo resistido a toda essa miseria, condemnaram-me á forca por transfuga e lutherano.

Ao passar por diante do convento dos jesuitas, sahiram os padres com um grande crucifixo, e, ajoelhando-se aos pés do governador, supplicaram-lhe que me perdoasse. Fui perdoado e reconduzido á prisão.

Tres dias depois levaram-me ao mercado com ferros nas mãos e pés, e assim me fustigaram com cordas que nenhuma parte do meu corpo ficou intacta. Depois do castigo, metteram-me de novo na prisão, segundo as ordens dadas, e n'ella permaneci mais quatorze dias, vivendo d'agua e fari-

(29) Talvez a ilha ou restinga de Marambaia.

nha de cassave. A minha cama era o chão; tinha o corpo pisado e coberto de vermes pelo contacto da terra onde me deitava.

Findos os quatorze dias, mandou o governador que me puzessem nas pernas ferros do peso de trinta libras. Carreguei-os nove mezes, e, assim acorrentado, tive de trabalhar no engenho como um escravo.

O feitor tratava-me, não como um homem, mas como um cão, pois odiava tanto a todos os estrangeiros, que nunca fui à sua presença sem a certeza de ser batido, do que resultou tomar eu tal canseira á vida, que caí em desespero e fiz tudo para pôr-lhe termo.

Representei muitas vezes ao governador o modo deshumano por que era tratado, e com quanto elle visse que o meu corpo estava escalavrado e denegrido de bordoadas, não teve compaixão de mim. Assim, que não descobri outro meio de acabar com tão mesquinha sorte senão matando o feitor; e um favoravel ensejo se me offereceu para pôr em effeito este desigño.

Uma noite cheguei com um carregamento de cannas, despejei a canõa, e, como fazia frio, entrei para a casa de assucar e colloquei-me no assoalho diante do forno. Meia hora depois entrou tambem ahi o feitor, e, me encontrando a dormir, bateu-me de tal modo com um esgalho em minhas costas nuas, que pareceu-me haverem-se partido todos os ossos do corpo. Puz-me em pé de um salto, e vendo-o prompto a exercer sobre mim a sua perversidade repetindo o golpe, lancei-lhe os braços, e, recorrendo á uma faca que trazia comigo, feri-o no lado, no braço e nas costas. Gritou que eu o matava. Eu, que estava d'isto convencido, fugi para o grande mato. Como estava escuro, serviu-me a noite para me occultar, de modo que não souberam por onde me haviam de perseguir.

Quando clareou, vagava eu á toa, rogando a Deus que fosse servido de permittir que eu antes deparasse um leopardo ou leão que me devorasse, do que cahisse em poder dos portuguezes, pois bem sabia que, se o governador me colhesse ás mãos, infligir-me-hia o mais cruel castigo que se póde imaginar.

Errando assim nas selvas, senti que se approximava uma partida de homens. Aterrado, não sabia o que fizesse por salvar a vida: ora corria como um louco, ora sentava-me e me punha á escuta. No entretanto percebi que de todos os lados approximavam-se homens. Afinal vi que estava em aperto; lancei então os olhos para uma arvore grande, cujas folhas do tamanho e espessura de um ninho de aguia crescem pegadas umas ás outras. Os indios chamam-n'a *caravala*. Ahi me escondi. Não havia decorrido um quarto de hora, quando appareceram muitos indios a procurar-me por aquelles arredores; dispararam varias settas para o lugar em que eu me occultava, mas como não deram fé de movimento algum foram-se embora.

Passei dois dias naturaes n'essa arvore, e por não haver comido n'este espaço de tempo achava-me, ao sahir do meu escondrijo, mui debilitado. Todavia, sendo noite cerrada, fui ter á praia. Seguindo por ella vi uma canôa varada em terra. Não longe d'ella dormiam tres selvagens, tendo junto a si arcos, settas, anzoes e raizes. Tomei o que me convinha. Continuei a caminhar pela borda do mar até que cheguei á ponta da ilha (30), onde dei com um selvagem adormecido na areia.

Observando-o mais de perto, vi que era um dos escravos de meu amo, o qual havia morto a um dos companheiros,

(30) A ilha que ainda hoje se chama do *Governador*, onde sabemos que Salvador Corrêa de Sá tinha um engenho.

pelo que não ousava tornar á casa. Tomei-lhe o arco e flechas que comsigo tinha e o acordei. Tanto que deu com os olhos em mim entrou a choramigar, pedindo-me que o não levasse para casa do senhor. Declarei-lhe que isso seria dez vezes mais fatal a mim do que a elle.

Contei-lhe o que me succedêra, e indaguei d'elle se sabia algum lugar onde podessemos pôr a salvo dos portuguezes as nossas vidas.

Este selvagem era em sua terra um personagem. Chamava-se Quarasipsiuca (Coaracyjuba?), o que quer dizer *sol amarello*. Nunca homem algum votou-me amizade mais sincera do que elle.

Após madura deliberação resolvemos nadar da ilha para a terra firme. Puzemos peito ás aguas, e com perigo de vida atravessámos aquelle braço de mar, que tem de largo, pelo menos, duas leguas. Depois de tão longa travessa tomámos terra, mui fatigados e desfallecidos, ao pé de um monte, denominado Parapiacuno. São selvas onde muitos homens eram devorados pelos leopardos, tigres, leões, crocodilos, surococouis (surucucús) e outras cobras.

Todavia preferiamos cahir nas garras de um leão ou nas fauces de uma serpente, a voltarmos ás mãos sanguinarias dos portuguezes.

Viajámos trinta e sete dias por essas brenhas, aventurando diariamente a vida, pois encontravamos muitos leões, leopardos, e grandes serpentes, mas guardou-nos o Senhor. Alimentavamo-nos de mel silvestre, palmitos e uma especie de cobra que os selvagens chamam boacyva (*boyassica*). No cabo d'esse deserto chegámos a um campo raso, onde encontramos muitos pinheiros.

Cruzando e vagando assim por essas regiões, divisámos, não longe de nós, fumo no bosque. Approximando-nos mais, conheci onde estávamos, e disse a Quarasipsiuca que esse lu-

gar era *Pianita*, onde tão bem me acolhêra Jawarapipo quando Waynembuth quiz tirar-me a vida.

Fomos, pois, ter com os selvagens, e estes nos receberam amigavelmente, particularmente o meu velho amigo Jawarapipo.

Depois de haver descansado um pouco, pedi aos indios que convocassem uma assembléa geral de sua gente, porque eu desejava, em presença de todos, dar-lhes as razões de minha vinda á sua terra. Annuiram a isto.

Quando se acharam todos reunidos comecei a discorrer, fazendo-lhes vêr que os portuguezes procediam cruelmente com os de sua nação, pois os reduziam á escravidão, marcavam-n'os como cães, e os batiam tão desapiadadamente como se não fossem de carne e osso. Contei-lhes como eu mesmo fui tratado, e lembrei-lhes o modo mui differente por que os meus compatriotas (31) se houveram em tempos anteriores com os indios. Incitei-os a levantarem os brios abatidos, e a se defenderem de taes tyrannos, que, sob a capa de amizade, os opprimiam ignominiosamente. Disse-lhes, finalmente, que eu havia morto a um portuguez, e tencionava acabar os meus dias entre os indios, uma vez que me promettesse guardar a mim e si mesmos dos portuguezes.

Terminada a minha allocução, vieram muitos d'elles abraçar-me, e com muita segurança prometteram guardar a si e a mim, enquanto lhes corresse o sangue nas veias e tivessem braços para entesar os arcos.

Nove mezes vivi entre esses selvagens.

Por esse tempo veio Martim de Sá áquellas partes para haver mais escravos. Chegou a um lugar, que não fica longe

(31) Knivet dava-se por francez.

da ilha de S. Sebastião, e se chãma *Jaquerequere* (32). Mostrou-se muito cortez com os cannibaes, e fazendo-lhes mimos de facas, machados e coraes, angariou-lhes de tal sorte as vontades, que elles não só lhes entregaram para escravos filhos e filhas, como communicaram-lhe que eu e Quarasi-psiuca estavamos em um lugar vizinho.

Sabendo isto, mandou Martim de Sá que quatro portuguezes e vinte selvagens me fossem buscar á Pianita, os quaes, ahi chegados, apregoaram tanto e por toda a parte a magnanimidade de Martim de Sá, que os selvagens, sem mais deliberação, me entregaram de mãos e pés atados.

Assim voltei ao poder do filho de meu amo.

Entregue a Martim de Sá pelos cannibaes, todos os que anteriormente me haviam protestado ser os meus melhores amigos, mostraram-se agora os meus maiores e encarniçados inimigos. Zombavam de mim e me injuriavam, batiam-me na cabeça, e contavam aos portuguezes que eu envidára esforços para concital-os a se levantarem contra elles.

Martim de Sá ouviu tudo em silencio, e recommendou a alguns portuguezes e indios que me vigiassem de modo que eu não fugisse. No seguinte dia fez-me comparecer á sua presença, e disse que se compadecia de minha desdita, porque eu havia de ter provavelmente um máo fim.

Com isto dava-me a entender que o feitor do engenho havia morrido dos ferimentos que eu lhe fizera, e por isso acreditava firmemente que eu, na fórma da lei, seria condemnado e punido com a morte.

Quando acabou de fallar, pedi-lhe que me protegesse, lembrando-se dos serviços que eu prestára a elle e ao pai, e

(32) *Juquiriqueri* ou *rio de Curupacé*, limite septentrional da capitania de S. Amaro. Lança-se na enseada do seu nome, ao norte da ponta de S. Sebastião.

considerando o muito tempo em que estive sujeito ás brutalidades do feitor.

Prometteu ser-me amigo no que pudesse. Isto moveu-me a pedir-lhe que concedesse-me terminar os meus dias entre os cannibaes, certo de que eu não poderia suscitar embaraços a elle e aos seus. Não m'o concedeu, mas prometeu salvar-me a vida, uma vez que eu fosse buscar mulheres, rapazes e raparigas ao lugar chamado pelos selvagens Parahyba-Wereob.

Com quanto aventurasse eu a vida indo á terra d'esses anthropophagos, onde nunca fôra, todavia preferi (certo, como estava, de que pelo meu delicto merecêra a morte) fiar-me mais uma vez da misericordia dos gentios a sujeitar-me á sanguinaria crueldade d'aquelles christãos portuguezes. Mostrei-me, pois, disposto a servir ao capitão, mas concebi em segredo a esperança (Deus me é testemunha) de não mais o tornar a vêr.

Dirigi-me, pois, para as florestas, acompanhado de doze selvagens, sem saber para onde.

Conduziram-me os selvagens por altos montes e varios rios caudalosos. Em terra corriamos o perigo de encontrar leões, leopardos e grandes serpentes; n'agua não receiavamos menos os crocodilos, jararacas, *capucarás* e outras cobras d'agua.

Depois de uma jornada de vinte e cinco dias por aquellas selvas, chegámos a um rio da largura do Tamisa. Disseram-me então os selvagens, meus guias, que o lugar onde tinhamos de fazer o nosso negocio era ás margens d'este rio, mas em que altura não sabiam com segurança.

Construimos um batel da entrecasca do cedro, e n'elle descemos o rio. Não haviamos levado muito tempo a acompanhar a corrente, quando demos fé de um batel da mesma feitura, no qual vogavam dois cannibaes.

Quizeram elles evitar-nos, mas como lhes levavamos vantagem em numero, os alcançámos primeiro que elles abicassem á terra.

Achava-se em minha companhia um selvagem da nação d'aquelles, chamado Morosoey, o qual foi tomado pelos *Wainasses* e vendido aos portuguezes. Sabia, pois, fallar a lingua dos *Tamoyos*, que eu entendia mui bem.

Mui admirados ficaram os dois cannibaes da canôa com verem homens vestidos, e como o seu compatriota estivesse tambem á portugueza, não o reconheceram a principio. Mas, se fez mossã a elles o vêr-nos, não menos admirado fiquei ao contemplal-os, pois em minhas viagens anteriores nunca havia encontrado selvalgens arreitados d'aquelle modo. A' primeira vista pareceu-me que, quaes passaros, haviam nascido com pennas no corpo e na cabeça. Untavam os corpos com a gomma de certo balsamo, e os traziam engenhosamente emplumados com pennas de variadas côres, tendo apenas descobertas as pernas.

Depois de nos havermos mutuamente considerado um certo tempo, ordenei a Morosoey que se dêsse a conhecer aos seus compatriotas, lhes declarasse o que alli nos trazia, e lhes pedisse que fossem annunciar em sua aldêa a nossa vinda, affirm de que não perturbasse aos seus a nossa visita inesperada, o que os cannibaes prometteram fazer.

A cada um d'elles demos uma faca e alguns coraes, e com isto se foram muito satisfeitos diante de nós.

Duas horas depois vieram ter connosco, a cantar com rosto prazenteiro, alguns quinhentos selvalgens d'aquella nação. Mostraram folgar que viessemos traficar com elles, e nos convidaram a entrar em sua aldêa.

Ahi chegado, sahiram a receber-me com cantos e dansas, grandes e pequenos. Fui recebido em todas as casas pelos principaes da aldêa com muitas ceremonias e largas fallas.

No dia immediato entrei a fazer trato de escravos com elles. Comprei noventa e levei-os todos a Martim de Sá, que me esperava na Ilha Grande.

Entregando-lhe esses escravos, pedi-lhe que me deixasse ficar entre os cannibaes até que elle intercedesse por mim a seu pai. Riu-se, e respondeu-me que não receiasse tornar á casa do pai, porquanto o portuguez vivia, e, tendo-se res. tabecido dos seus ferimentos, partira para o Rio da Prata-Assegurou-me que o pai estava inquieto por minha causa, pois receiava que alguma cobra, ou leão ou leopardo, me houvesse comido.

Voltando eu depois ao governador, benzeu-se este de admirado por me tornar a vêr depois de tão longa ausencia, e mandou-me logo para o engenho, onde assisti um anno, empregado em encaixotar os assucares. N'este anno ganhei duzentas coróas em dinheiro.

Deliberei-me então a ir para Angola na Ethiopia, o que me foi concedido pelo governador, promettendo-me elle sua protecção em tudo o que pudesse fazer por mim. Quando, porém, estava o navio a pique, mandou-me fóra da cidade com fingida commissão, e d'este modo fiquei em terra, e perdi tudo o que havia ajuntado para a minha viagem.

Um ou dois mezes depois succedeu serem os *Wainasses* accommettidos por uma casta de selvagens chamados *Tamoyos* (33). Aquelles haviam assentado pazes com os portuguezes e procediam como amigos, ao passo que estes eram pelo contrario, os mais encarniçados inimigos que os colonos tinham na America.

Os *Wainasses*, tendo perdido muitissimos dos seus em um combate, não estavam em estado de tornar a ferir batalha

(33) Os *Tamoyos*, que haviam occupado a costa desde o Cabo Frio até Angra dos Reis, se achavam então internados.

com os adversarios, pelo que chamaram os portuguezes em seu auxilio. Em consequencia d'esta rogativa, meu amo, governador da cidade, mandou seu filho Martim de Sá a soccorrêl-os com setecentos portuguezes e dois mil indios.

Asseguraram-nos os *Wainasses* que, quando muito em um mez, chegaríamos ás terras dos *Tamoyos*.

A 14 de Outubro de 1597 (34) partimos em muitas canóas do Rio de Janeiro. Levaremos a costa por mão em demanda de um porto denominado Paratec (Paraty), que dista d'aquella cidade trinta leguas (trinta e cinco).

No primeiro dia de viagem saltou connosco uma tormenta que nos fez receiar sossobrarmos ; o Senhor, porém, nos guardou as vidas. Todavia perdemos tudo o que levavamos connosco, pois com a tormenta viraram as canóas, e, agarrando-nos aos fundos d'ellas, fluctuámos, com grande perigo de vida, para a praia.

O lugar, em que desembarcámos, dista tres leguas do rio Wareteena.

O capitão mandou que retrocedessem as canóas ao Rio de Janeiro, afim de se proverem de viveres. Esperámos dois dias que voltassem. No terceiro fomos para um sitio da Ilha Grande, chamado Ippôa, onde assistiam dois ou tres portuguezes. Ahi tivemos para comer batatas e bananas.

Detivemo-nos cinco dias n'esse lugar, porque esperavamos quinhentos selvagens de uma ilha chamada Jawarapipo, chegados os quaes, partimos em demanda do porto de Paratec, para onde nos dirigiamos.

Era noite, e tinhamos de navegar do mar directamente para uma bahia, e ahi encontrámos infelizmente uma baléa que virou uma de nossas canóas ; mas salvou-se a gente.

Fomos, pois, abicar ao porto mencionado.

(34) Ha engano n'esta data.

No dia seguinte ao da nossa chegada o capitão mandou tirar d'agua as canoas e cobril-as cuidadosamente com ramos de arvores, pois queria começar quanto antes a sua jornada por terra.

Quando chegámos a Paratec, veio ter connosco, noite fechada, um selvagem de nome Alecio, da aldêa Jequerequere, sita na costa defronte da ilha de S. Sebastião.

Este Alecio trouxe consigo oitenta flecheiros, e offereceu-se a acompanhar o capitão com os seus.

Puzemo-nos, pois, a caminho pelos montes.

Na seguinte noite, vendo o capitão que Alecio estava deitado no chão, tomou-me a rêde em que eu tencionava dormir, e deu-a ao cannibal, de modo que tive de resignar-me a pernoitar no chão.

Queixando-me a alguns portuguezes d'esse procedimento injusto do capitão para comigo, communicaram-me elles que o pai do capitão me havia mandado a esta jornada para dar cabo de mim, ao que observei simplesmente que *far-se-hia a vontade de Deus*.

Continuando nossa viagem, caminhámos tres dias, e fomos ter ao pé de um grande monte que os indios chamam Paranapecano (35), palavra que significa *vista do mar*. E' este monte tão alto que levámos tres dias a subil-o e tres a descêl-o.

Dois dias depois chegámos a um campo assentado, semelhante a um prado coberto de comprida hervagem; havia ahi abundancia de pinheiros.

Ahi acampámos esta noite. Matámos passante de seiscentas cobras, mas ninguem foi mordido d'ellas, excepto um

(35) *Paranapiacaba* (sitio d'onde se avista o mar) é, como se sabe, uma serra da provincia de S. Paulo, ramo da do Cubatão; mas é manifesto que Knivet designa com este nome aquella parte da *Serra do Mar* (talvez a do *Facão*), por onde subiram os da expedição.

indio chamado Jeronymo: primeiramente ficou inchado, depois saltou-lhe o sangue dos ouvidos e unhas, e logo morreu.

Depois de viajarmos quarenta dias por valles e montes, fomos ter a um grande rio chamado Paracuona (Parahybuna?). Para atravessal-o, servimo-nos de umas cannas que atámos com juncos e flexiveis vergontas, a modo de uma balsa, a que os portuguezes chamam *jangada*. Mas, como o vento e a correnteza eram mui fortes, gastámos quatro dias primeiro que fizessemos a travessa.

D'este rio avançámos vinte dias, e fomos ter a um grande monte denominado Penaze Wawe Apacone. Caminhámos quatro dias antes de chegar ao seu cume, já porque chovia copiosamente, já principalmente porque estavamos todos mui fracos e desprovidos de viveres. Como, porém, alimentava-nos a esperança de encontrarmos logo os inimigos, fizemos diligencia por chegar ao alto do monte, e em um dia chuvoso caminhámos desde as seis da manhã até ás duas da tarde, quando o capitão mandou fazer alto, e ordenou que cada um preparasse o seu rancho para passar a noite.

Desembarcei-me logo de minha carga, e fui ao monte cortar os ramos de uma arvore, chamada *sammambaia* (36), que nos resguardasse da chuva. Como fazia muito frio e eu não havia comido este dia, estava tão debilitado que, tentando derribar um ramo, cahiu-me das mãos o instrumento. Tive de sentar-me sob uma arvore, onde houvera acabado os dias, se o meu fiel amigo Henrique Barraway, notando a minha demora, não viéra procurar-me. Achando-me tão incommodado que eu não podia fallar nem ter-me em pé, levou-me como melhor pôde ao acampamento, onde, tendo sido collocado diante do fogo, tornei a restabelecer-me.

(36) *Sambambaia* ?

Transposto este monte, chegámos a uma região de um solo baixo e humido, onde se achavam muitos cannibae chamados *Pories* (*Puris*). A's vezes appareciam cem ou mais d'elles vindos dos bosques, e tanto que recebiam de nós alguma cousa, se retiravam sem sabermos para onde, e reappareciam outros tantos. Mantivemo-nos aqui em ordem e precavidos com boa vigia, porque estavamos mui fracos e receiávamos ser agredidos pelos selvagens.

Jornadeámos mais quatro dias e alcançámos o rio Parahyba, onde houvemos peixe em abundancia, e foi esta a nossa unica comida.

Certo dia sahi a pescar. Como chovia um pouco, voltaram os tres indios que me haviam acompanhado, de modo que fiquei só. Quando pretendi voltar ao acampamento pelo mesmo caminho através dos bosques, por onde tinha vindo com os indios, perdi-me. Tornei, pois, outra vez ao rio, certo de que permanecendo em suas margens, havia de dar com o lugar em que acampava o capitão. Sendo já um pouco tarde, fui ter inesperadamente a um sitio, onde se achavam alguns cem *Poris* entre homens e mulheres.

Conjecturei que morreria ás mãos d'esses cannibae; não me fizeram, porém, mal algum. Tomaram-me a faca e instrumentos de pesca, e deram-me a comer do seu alimento, que era um assado de carne de macaco. Comi satisfatoriamente, e, terminada a refeição, fizeram-me elles um apparelho de umas kannas sêccas, que podesse servir para nadar-se, e n'elle vim ter com brevidade ao nosso acampamento á margem do rio.

Esses selvagens nos indicaram um lugar a dois dias de viagem d'ahi, no qual encontraríamos favas ou ervilhas, milho e raizes de cassave.

Em um dia atravessámos o rio, e no seguinte puzemo-nos

a caminho em demanda do sitio indicado pelos *Poris*. Gastámos, porém, entre o rio e aquella aldêa sete dias.

Em dita aldêa quasi que só encontrámos mulheres, e interrogando-as ácerca dos seus maridos, informaram-nos que, tendo elles sahido a guerrear com os *Tamoyos*, foram todos mortos.

Encontrámos ahi uma porção de milho, mas não estava maduro. Todavia nutrimo-nos d'elle durante uma semana inteira.

Esses cannibaes chamam-se *Tapuyas*.

Encaminhámo-nos para as aldêas de uma familia de cannibaes chamada *Waanawassous*, que não assistiam longe do lugar em que estavámos.

Chegando á uma d'ellas, appareceram-nos vinte velhos a manejar suas espadas de páo, com rosto prazenteiro, que é o modo por que, como atraz se disse, dão a alguém as boas vindas. Depois de esgrimirem por muito tempo as suas espadas, nos perguntaram o que alli nos trazia. Respondemo-lhes que vinhamos guerrear com os *Tamoyos*.

N'isto veiu connosco um velho, cujo corpo estava pintado de vermelho e azul; nas mãos trazia arco e settas e nos pés carrancas. Acompanhava-o uma de suas filhas, a qual, tendo sido captivada por um portuguez de Satumsense (santense?), fugira com outros escravos a seu senhor, e tornára á casa paterna.

N'este lugar adoeceram todos os nossos, assim indios como portuguezes, por haverem comido certa fruta doce e agradável, mas venenosa. Morreriam todos senão lhes valera um sobrinho de meu amo, chamado Enefrio de Say, com a mezinha de um chifre, de que tinha comsigo um pedaço.

Não achamos aqui outro alimento senão algumas poucas batatas.

Fugiram-nos todos os selvagens *Waanawassous*, levando-

nos a nossa roupa branca. Carywasóu, o velho de que acima fallei, acompanhado de dez rapazes ladinos, veio guiar-nos, e conduziu-nos por entre dois montes, onde, durante quarenta dias, caminhando desde a manhã até á noite, quando acampavamos, subimos pela margem de um rio.

Estavam os nossos mui fatigados e quasi mortos á fome. Os indios morriam tomados de medo de um espirito que, diziam elles, os matava, chamado Coropio (Curipira). Muitos queixavam-se de estar possuidos dos espiritos denominados Avasaty. Os que se sentiam apossados d'este espirito queriam que os atassem de pés e mãos, com as cordas de seus arcos e os flagellassem com as de suas rêdes. Não sei, porém, que nenhum se restabelecesse com semelhante processo.

(Purchas diz que Knivet lhe referira ter ouvido um indio, que estava n'esse estado, fallar com o espirito e ameaçal-o de fazer-se christão, se o espirito o perseguisse, e com tal ameaça este o abandonára).

Os mais dos nossos indios morriam de um genero de doença, que é commum em todas as terras quentes, a saber: os doentes entravam a suar, sentiam-se desfallecidos, appareciam vermes no recto, os quaes lhes devoravam os intestinos, de modo que os enfermos, sem saberem o que lhes causava o mal, morriam de langor ou consumpção.

Para combater este mal, usavam os indios introduzir no anus uns pedacinhos de limão e pimenta verde. Agua salgada é igualmente um bom remedio. E' sem duvida a esta molestia que succubem os nossos inglezes nas costas do Brasil e Guiné. A doença começa com dôres de cabeça e febre ardente; para rebatê-la, nos sangravamos logo, o que fazia morrer a nossa gente.

Tendo assim marginado o rio, chegámos a uma planicie arborizada de pinheiros, cujos fructos, porém, não estavam maduros.

Um pouco de mel silvestre foi o unico alimento que encontrámos.

Viajámos mais um mez. Entraram então os portuguezes a desanimar e lançarem de si os seus andrajos, por não os poderem trazer por mais tempo. Quanto a mim, para que conservasse a vida, tive de carregar, de ordem do capitão, dois mosquetes e de ajudar diariamente a fazer a sua cabana. E meu amigo Henrique Barraway achava-se tão incommodado, que me foi necessario conduzi-lo pela mão e ás vezes carregal-o ás costas.

N'esta jornada forçoso nos foi comermos os nossos escudos feitos de couro crú de bufalo. Comemos tambem um couro de vacca que o frade trazia para resguardar da chuva o seu serviço. Quem tinha um sapo ou cobra para comer considerava-se feliz.

No fim d'este campo, onde perdemos cento e oitenta homens, chegámos a uns montes, e entre outros a um chamado Itapuca, o quer dizer *monte de compridas pedras*. N'elle encontrámos umas pedras negras do comprimento de mais de uma vara, e tão redondas como se fossem de madeira torneada.

Chegados ao cume do monte, não podemos descer senão do seguinte modo : na encosta do monte crescem muitos vimes e arvores chamadas *jaquetivá* (jequitibá?). Prendiamos os vimes em uma arvore grande, e ajudando-nos d'elles iamos descendo a pouco e pouco bem cem braços.

N'este monte encontrámos numerosos palmitos, muito mel silvestre e toda a sorte de frutas.

Os cannibaes, nossos guias, nos disseram que dentro em quatro dias seriamos com os nossos inimigos *Tamoyos* ; mas jornadaémos ainda mais de vinte por uma região arida e negra, onde mal vinha alguma herva. Todavia encontrámos muito mel de abelha fabricado no chão, bem como um ani-

mal da fôrma e tamanho de um varrão. O focinho tem mais de um covado de comprido, a cauda é grande, e de côr negra e cinzenta. Este animal introduz a lingua nos formigueiros, e quando as formigas a cobrem, elle a recolhe e engole os insectos.

Passado este arido campo, chegámos a um monte chamado Itaowbo, o que quer dizer *monte de pedras verdes*. Ahi nos vimos em maiores apuros do que nunca.

Isto levou os portuguezes a conjurarem-se e representarem ao capitão que, ao seu vêr, o fim dos cannibaes era leval-os por aqui e acolá até que peressem. O capitão chamou então o velho cannibal, e lhe observou que, com quanto elle cannibal lhe houvesse informado que de sua aldêa á dos *Tamoyos*, nossos inimigos, poder-se-hia ir facilmente em vinte dias, havia mais d'este espaço de tempo que o acompanhavamos. Respondeu o velho que, se dentro em dois dias, não nos conduzisse á aldêa inimiga, queria perder a cabeça, e nos daria por escravos os seus companheiros.

Consoante com esta affirmação de Carywassou, chegámos dentro em dois dias defronte da aldêa inimiga, sita na banda opposta do rio Javary, rio que nasce nas montanhas do Potosi no Perú (37).

Da banda do rio que occupavamos havia muita mandioca e favas plantadas pelos selvagens d'aquella aldêa.

A' tardinha chegámos defronte da aldêa, e durante toda a noite nos conservámos occultos.

O designio do capitão era colher ás mãos, pela madru-

(37) *Joguary*. O autor substitue nas palavras da lingua *tupí* o *g* pelo *w*. Não é crível que a expedição se internasse até o *Javary*, affluente do Amazonas; as montanhas, que Knivet chama de Potosi, são talvez as da cordilheira da Mantiqueira, pois que Martim de Sá atravessou o valle do Parahyba.

gada, alguns dos selvagens, quando acertassem de atravessar o rio em busca de mantimento.

Os nossos, esquecidos da conjunctura em que se achavam, pois esperávamos brigar com os *Tamoyos*, comeram, esta noite, tanta mandioca, que entraram todos a vomitar e não se podiam ter em pé: morreram treze.

Como não apparecesse de manhã cedo nenhum dos selvagens, ficaram os portuguezes mui admirados, e receiando que os *Tamoyos* estivessem emboscados em algum lugar, não ousaram transpôr o rio. Isto levou o capitão a ordenar-me que passasse o rio, o que fiz em um escudo de madeira.

Penetrei na aldêa e não deparei pessoa alguma; achei sómente alguns pucaros grandes cheios de milho verde, muitos melões e dois grandes abestruzes. Tomei o melhor dos mantimentos que ahi achei, levei-os ao capitão, e bradei aos nossos que não tivessem medo, pois que não havia na aldêa viva alma.

Permanecemos n'este lugar dois mezes, e n'este espaço de tempo ceifámos, de ordem do capitão, as plantações de mandioca dos indios. Recommendou elle tambem que cada qual se provesse da farinha necessaria para a torna-viagem, pois que estava resolvido a retroceder d'alli.

Não tínhamos para comer senão batatas e farinha de casave, que nós mesmos preparámos, mas não em grande quantidade.

Pegado á aldêa havia um pantano, onde, quando chovia, abundavam as rãs. Iamos apanhar-as de noite com velas de cêra.

Certa noite, em que eu tinha de entrar de sentinella á meia-noite, succedeu chover ás onze horas. Disse então ao meu amigo Barraway: « Desejava que me fosseis apanhar algumas rãs, pois não tarda chamarem-me para a guarda. »

Accedeu Barraway ao meu pedido, mas voltou logo depois com as mãos vazias, dizendo que junto ao pantano se achava uma grande cobra, que dera saltos atraz d'elle. Declararam os indios que essa cobra era das taes que avançam para o fogo.

Pedi a Barraway que me indicasse o sitio em que achava esse reptil, e, tendo-me elle informado convenientemente, muni-me do cabo de um machado, o qual era de uma madeira negra e pesada, e de uma velinha de cêra, e sahi em procura da cobra, tendo o cuidado de occultar a luz atraz de mim para não ser ella vista do meu adversario.

Chegando ao lugar indicado, e pondo a luz á vista, achei-me tão perto do reptil, que ainda quando o quizesse evitar não poderia. Tanto que a luz lhe feriu os olhos, deixou cahir uma grande rã que trazia na boca, erriçou a pelle, como um peixe grande quando levanta as escamas, escancarou as fauces, e parecia querer lançar-se sobre mim. Descarreguei-lhe o golpe, e feri-a de tal modo na cabeça e dentes, que a arma penetrou até os miolos. Depuz a vela no chão, e arredei-me cinco ou seis passos para o lado.

Estando a cobra a fazer muito ruido dentro d'agua, não tirei os olhos da luz, a vêr se, segundo se dizia, avançava ella para o fogo; mas como não fizesse tal movimento, tornei a levantar a luz e dirigi-me cautelosamente para o lugar onde a tinha ferido. Encontrei-a com a cabeça ensanguentada e os olhos esbugalhados: estava morta. Amarrei-a então com um comprido vime em torno da parte dianteira do corpo e arrastei-a para o acampamento.

Chegando ao meu alojamento, perguntei se me haviam chamado para a guarda, ao que Barraway e um portuguez me responderam negativamente. Comecei então a cortar a cobra aos pedaços para dar d'ella ao capitão e repartil-a com os nossos.

Estava entretido com este serviço, quando chega á porta o nosso alferes, entra e começa a esbordoar-me com um pedaço de páo. Não sabendo o que o movia a tão insolito procedimento, agarrei-o e cahimos ambos. Acudiram os portuguezes que se achavam na casa; separaram-nos, e perguntaram ao alferes por que razão me aggredira d'aquelle modo. « Por que, respondeu elle, o capitão se havia levantado e não encontrára pessoa alguma de guarda. » Ouvindo isto, affirmaram todos que ninguem me havia chamado.

Ordenou o alferes que eu fosse apresentar-me ao capitão. Fui; mas este, sem me ouvir, ordenou que dois indios me atassem a um poste e me surrassem com as cordas de uma rêde. Roguei ao capitão que indagasse do caso, e se averiguasse ter eu commettido falta, poderia então mandar-me enforcar, segundo a lei militar.

N'este entretanto, não havendo ainda os indios desembaraçado as cordas da rêde, entraram João de Sousa, homem de idade, capitão da nossa guarda avançada, e uns vinte portuguezes que assistiam comigo no mesmo quartel, e vendo-me amarrado ao poste, observaram ao capitão que eu não era culpado, porquanto ninguem me havia chamado. A' vista d'isto ordenou o capitão que me soltassem, e mandou-me para a guarda.

Tornei ao alojamento em procura da espada, e dirigi-me incontinenti ao lugar em que tinha de velar. Ahi encontrei o sujeito que, em minha presença, affirmára ao capitão que me havia chamado e não recebêra resposta. Logo que o vi, perguntei-lhe se não se pejava de me ter levantado um falso testemunho. Em resposta entrou a vomitar palavras injuriosas, chamando-me *perro de inglez*, *heretico*, etc. Vendo-me assim offendido por aquelle bruto mestiço, segurei a espada com ambas as mãos, e assentei-lhe com os copos tal pancada na cabeça, que lhe fiz uma grande ferida.

O capitão, informado do occorrido, mandou metter-me immediatamente no tronco com ferros nas mãos.

Assim passei toda a noite e uma parte do dia seguinte. Pela tarde vieram dois portuguezes lêr-me uns artigos aranjados pelo capitão ou de ordem d'elle, nos quaes se continha que eu matára varios indios doentes por havêl-os encontrado a sós, e brigára e fizêra desordem no corpo da guarda, do que poderia ter facilmente resultado uma revolta, e por tudo isto era condemnado á morte. Lidos estes artigos com sua sentença, recommendaram-me os portuguezes que me preparasse para morrer, e retiraram-se.

Meia hora depois veiu o frade ter comigo, e me perguntou se estava disposto a confessar-lhe os meus peccados. Respondi-lhe que eu não havia roubado a ninguem, e escusado era manifestar-lhe em confissão os meus peccados, porque Deus sabe e conhece todos os segredos do coração dos homens.

Depois de me admoestar e aconselhar sobre varias cousas, retirou-se tambem.

Foram todos os portuguezes pedir ao capitão que me perdoasse. O capitão, longe de os attender, declarou, que, se elle não me fizesse enforcar, não lhe permittisse Deus voltar á terra de christãos.

Permanecendo eu nos ferros e no tronco, tornou o frade a vir ter comigo pelas quatro horas da madrugada, e ire rogou que, achando-se proxima a minha ultima hora, preparasse-me para morrer como christão. Respondi-lhe que esperava achar graça no Senhor.

Das seis para as sete horas entrou um alferes, acompanhado do escrivão, de dois ou tres portuguezes, e um indio que trazia nas mãos uma corda. De ordem dos portuguezes passou-me este indio a corda em torno do pescoço, e assim fui conduzido ao lugar da execução,

Achando-se então agrupados ao redor de mim todos os portuguezes, falei-lhes em voz alta por estes termos :

« Meus senhores, o capitão não me condemnou á morte pelos malefícios que acaso praticasse ; mas levado do odio que me tem, o qual provém de um falso dito de seu primo, que aqui se acha presente, como se eu o não tivesse querido salvar. Por estas, e não por outras razões, é que me condemnaram á forca. »

Emquanto assim fallava, desceu da parte superior da casa o indio, que fazia de carrasco, e empurrando-me á cabeça, disse: « Que é que estás ahi a dizer? Não sabes que o pai do capitão mandou-te para aqui afim de que nunca mais voltasses? »

Encolerisaram-se então os portuguezes com o carrasco. João de Sousa, Graned del Galbo, Fostino Albanos e uma grande parte dos portuguezes entraram a murmurar, perguntando uns aos outros: « Que poder tem o capitão para dar morte a este homem ? Não viemos a estes sertões em serviço do rei, senão em proveito proprio, e o capitão não é mais que um bastardo do governador. » Do que resultou ficar sustada a execução.

João de Sousa foi ao capitão e fallou-lhe assim : « Senhor, não sabemos onde nos achamos, já muitos dos nossos têm morrido, e não é avisado diminuir ainda mais as nossas forças, porquanto não sabemos se algum de nós voltará á casa. Portanto, vos pedimos que perdoeis áquelle homem, uma vez que o ferido não corre perigo, e o inglez é tão bom soldado como qualquer de nós. »

O capitão soltou uma pesada jura, protestando que eu havia de morrer.

A' vista disto, João de Sousa e outros lhe pediram que mostrasse a ordem que tinha para dar-me morte ; se nenhum a tinha da parte do rei, não havia eu de morrer

n'aquella occâsão, pois que elles, tanto quanto o capitão, responderiam pela minha vida.

Ouvindo isto, sahiu o capitão transtornado de colera, fazendo recriminações a João de Sousa, que era, dizia elle, o patrono dos rebeldes. Mas João de Sousa assegurou que manteria tudo o que havia dito. E assim livre-me da forca.

Estivemos dois mezes n'esta aldêa, como disse; e depois de nos provermos o melhor que podemos, seguimos para outra, onde havia milho plantado de fresco. Ahi detivemo-nos tres mezes á espera que amadurasse o milho.

D'esta aldêa tornaram os portuguezes para casa, menos eu e doze galhardos mancebos, pois pedimos ao capitão a nossa dispensa afim de irmos correr aventuras, o que nos foi concedido.

Quanto a mim, solicitei a minha dispensa, porque receiava que o capitão me maltratasse durante a volta. Demais, parecia a todos pouco avisado voltarmos ao Rio de Janeiro, uma vez que não sabiamos onde estavamos, e não ousavamos retomar o caminho por onde vieramos, pois os *Pories*, *Lepos*, *Tominenos* e outros cannibaes, vendo-nos tão fracos, certamente haviam de dar sobre nós.

CAPITULO III

Singulares peregrinações de Knivet e doze portuguezes.— Estes são victimas dos selvagens anthropophagos.— Knivet assiste entre os selvagens e depois entre os portuguezes.— Foge para Angola, d'onde é reenviado para o Brasil.— Depois de muitas aventuras parte para Lisboa.

Os doze portuguezes que se despediram comigo do capitão eram os seguintes: Francisco Tavares, Luiz de Pino, Gonçalo Fernandes, Thomaz Delvare, Luiz Loello, Mathias del

Gallo, João de Silvesa, Pedro de Casta, Antonio Fernandes Gorgedias, Manoel Caldeira e mais dois.

Feitas as nossas despedidas, pareceu-nos que mais acertado era buscarmos o mar do sul do que voltarmos com as mãos vazias. Fabricámos, pois, uma canôa grande da casca de certa arvore, e n'ella fomos descendo durante uma semana inteira o rio Javary.

No fim d'este rio (38) encontrámos uma pequena aldêa de seis casas. Havia muito, porém, segundo nos pareceu, que não eram habitadas. Em ditas casas achámos muitos pucaros e vasos de terra, e em alguns d'elles uns pedacinhos de ouro presos á linhas ou cordas, com que os indios pescavam.

Encontrámos tambem pedras preciosas, algumas verdes como a relva do prado; numerosas pedras brilhantes, e tão puras como o crystal, d'ellas azues e verdes, d'ellas vermelhas e brancas, e portanto de bellissima apparencia.

Esse ouro e essas pedrinhas preciosas nos levaram a suppor que não estavamos longe do Potosi.

Abandonámos então a nossa canôa e resolvemos jornadear por terra.

Encaminhando-nos ao rumo do sudoeste, fomos ter á uma montanha grande e selvagem (39).

Depois chegámos a um lugar, cujo solo, sécco e de uma côr escura, estava crespo de collinas e penhascos. Varios ribeiros tinham ahí suas origens.

Nas adjacencias de muitos d'esses pequenos rios encontrámos pedacinhos de ouro de tamanho de uma avelã, e na lama ouro como arêa.

(38) Ha ambiguidade no texto: *ten eynde der selven* se pôde referir-se tanto a *week* (semana) como *rivier* (rio).

(39) Se Knivet desceu pelo Jaguary, uma das nascentes do Piracicaba, e caminhou do rumo do sudoeste, foi ter á serra do Araraquara na provincia de S. Paulo.

Passada esta região, sahimos em uma formosa terra lavradia, onde nos provimos (?).

Em a distancia de dez dias de viagem avistámos uma montanha reluzente. Lançava de si tal brilho essa montanha, quando o sol pairava sobre ella, que, estando nós na planicie, não podiamos caminhar ao seu encontro, pois nos offuscava os olhos. Nada obstante, conseguimos chegar á sua raiz.

Ahi encontrámos muitos tamanduás.

Levámos pouco mais ou menos vinte dias a caminhar ao longo d'essa montanha, sem depararmos caminho por onde a transpuzessemos. Finalmente, chegámos a um rio que corre por baixo d'ella.

Fomos então em conselho sobre o melhor modo de passar para o outro lado. Alguns dos companheiros tiveram por mais acertado continuarmos a seguir pela raiz da montanha do que atravessal-a por aquelle rio. « Se estas aguas, diziam elles, não sahem da banda opposta, feito será de nós todos, pois ser-nos-ha impossivel voltarmos contra a correnteza. »

Eu, porém, usei de outra linguagem : « Amigos, lhes disse, podemos aventurar as nossas vidas na presente conjunctura, tanto como as temos aventurado varias vezes no passado. Se não nos resolvermos a transpôr esta montanha, poderemos viver aqui, é certo, emquanto aprouver a Deus, mas sem honra, sem fama e sem religião ; viveremos quaes brutas alimarias.

« Entendo, pois, que é mais acertado passarmos por baixo d'esta montanha, fiando-nos do Senhor, que, assim como nos tem livrado até ao presente de perigos successivos, não nos ha de abandonar n'este commettimento. E certo é que, se a sorte nos fôr favoravel e sairmos da outra banda encontraremos ou hespanhoes ou indios, pois

creio que todos vós tendes ouvido dizer, que do alto do monte Potosi avista-se, em tempo claro, esta serra. »

Estas razões induziram os meus companheiros a se aventurarem por baixo da montanha.

Para este fim preparámos uma espaçosa jangada, feita de umas cannas grandes. Media essa jangada tres e meio covados de largura e seis de comprimento, dimensões necessarias para que podessemos n'ella deitar-nos a dormir.

Matámos muitos tamanduás, os seccámos e assámos para nos servir de alimento, pois não sabiamos o tempo que levaríamos sob aquella abobada.

Tendo-nos provido de lenha, e achando-se tudo prestes, encomendámo-nos a Deus e demos começo á nossa navegação subterranea.

Embocámos por aquelle canal. As aguas faziam um rumor semelhante ao de vozes humanas.

Entrámos em uma segunda-feira pela manhã, e sahimos em outra manhã; mas se a viagem se prolongou por um ou dois dias é o que não sei.

Logo que a luz do dia nos feriu os olhos, expandiram-se os nossos corações.

Sahidos que fomos do furo da montanha, vimos casas de um e outro lado. Entrámos, pois, a deliberar o que melhor seria, se termo-nos quietos a vêr se passaríamos de noite além d'aquella povoação, ou entregarmo-nos ás mãos dos indios. Resolvemos de commum accordo ir ter com os indios.

Tomada esta deliberação, disse-lhes eu : « Ora pois, amigos! Uma vez que nos concertámos sobre este ponto, assentemos tambem no que havemos de dizer quando nos interrogarem, como certamente nos interrogarão, sobre quem somos e d'onde viemos. »

Os portuguezes exclamaram : « Dir-lhes-hemos que somos portuguezes. »

« — Eu lhes declararei que sou francez, » disse eu.

Isto feito, encaminhámo-nos para as casas dos indios. Estes, em nos vendo, sahiram ao nosso encontro com arcs e flechas, ataram nossas mãos, prenderam-nos uns aos outros com cordas passadas pela cintura, e assim nos levaram para a sua aldéa.

Ahi chegados, vieram logo dois ou tres velhos interrogar-nos sobre que casta de gente eramos. Responderam os portuguezes que eram *portuguezes*, e eu que era *francez*.

Duas horas depois tomaram elles um dos portuguezes, passaram-lhe uma corda nova em torno do corpo, e segurando tres indios em uma extremidade da dita corda e outros tantos na outra, o levaram para uma praça. Ahi veiu um velho dizer-lhe que « olhasse bem em redor de si e dêsse a todos as boas noites, pois que não havia de vê-los mais. »

Pouco depois appareceu um guapo mocetão, tendo o rosto e os braços pintados de vermelho. Disse ao prisioneiro : « Considera-me bem. Eu sou aquelle que tem morto a muitos de tua nação e vai matar-te a ti tambem. »

E, dizendo isto, descarregou o golpe sobre a nuca do portuguez. Cahi a victima, e com segundo golpe o algóz a acabou.

Tanto que o portuguez expirou, arrancaram-lhe o couro com um dente de coelho, e, agarrando-o pela cabeça e pés, o suspenderam nas chammas. Isto feito, tiraram-lhe com as mãos a membrana interior (?) da pelle, e ficou descoberta a carne branca da victima. Cortaram-lhe em seguida a cabeça, que foi dada ao algóz. Deceparam-lhe as mãos, depois os braços, e successivamente todas as partes do corpo, membro por membro, os quaes, cortados aos pedaços, foram distribuidos por todas as casas.

Terminado este serviço, entraram os indios a dansar e as mulheres a preparar o vinho.

No dia immediato cada qual cozeu o seu pedaço de carne em um vaso com agua, afim de que as mulheres e meninos bebessem do caldo.

Em tres dias consecutivos não se empregaram em ou'ra cousa que não em comer, beber e dançar.

Decorridos esses dias, foi tratado do mesmo modo outro portuguez, depois mais outro, e successivamente todos, ficando de resto unicamente eu.

Vendo eu que os selvagens haviam morto a todos os meus companheiros, tinha por certo que me estava reservada a mesma sorte. Vieram, porém, elles, dizer-me: « Amigo, nada temas. Os teus antepassados foram nossos amigos e nós os d'elles; não assim os portuguezes, que nos reduziram à escravidão, e por isso procedemos com esses nossos inimigos como viste. »

Ouvindo taes palavras, assegurei que « nenhuma razão tinha para receiar, pois bem sabia que elles não me eram inimigos, senão amigos, e, accrescentei, que largo tempo havia que me achava preso entre os portuguezes. »

Esses indios chamavam-se *Tamoyos*.

Dois mezes depois da minha chegada, entraram os *Tamoyos* em guerra com os *Tomomines* (*Temiminós*). Acompanhei-os.

Sendo os *Tamoyos* no campo, como eram muito menos numerosos que os contrarios, foram quasi que batidos e estavam a ponto de fugir para as montanhas. Vendo eu, porém, que os *Tamoyos* brigavam de um modo estulto, correndo desordenadamente sobre o inimigo como uns touros, ensinei-lhes como se deviam dispôr e emboscar, de sorte que, recuando a proposito, viessem os inimigos a cahir na boca do lobo. Dest'arte alcançámos victoria sempre que nos batemos com os *Tomomines*, e os meus conhecimentos da arte de guerra grangearam-me uma tal consideração

entre os *Tamoyos*, que não quizeram mais sahir a campo a guerrear sem que eu os acompanhasse.

Em breve rompemos e destroçámos tantas vezes os *Tomomines*, que forçoso lhes foi abandonarem suas terras e irem assentar morada em sitios mais alongados de nós, com o que ficámos em paz.

Offereceram-me esses *Tamoyos* varias de suas mulheres ; mas eu recusei o mimo, pretextando que não era costume casarmo-nos fóra de nossa terra.

Vencidos os *Tomomines*, desfructámos quatro mezes de paz ; mas, no cabo d'este tempo, veiu um outro genero de cannibaes, os *Topinaques* (*Tupiniquins*), assistir em um monte vizinho, chamado dos Indios Tamiwa ou *monte do Ouro*. Logo que esta noticia chegou ao nosso conhecimento, preparámo-nos para sahir em som de guerra contra os nossos novos vizinhos. Com effeito abalámos em numero de cinco mil homens.

Depois de uma viagem de cinco dias, chegámos ao acampamento dos *Topinaques*. Mas, estes, informados de que nos puzeramos a caminho, haviam abandonado a sua aldêa e fugido. Seguimol-os durante dez dias, e de caminho iam os *Tamoyos* colhendo ás mãos muitos velhos e velhas, a quem logo devoravam.

Fomos assim no encalço dos *Topinaques* até á margem de um grande rio, mas não ousámos atravessal-o com receio de que o inimigo nos acommettesse ao desembarcarmos. Voltámos, pois, d'aquelle rio Morgege (*Mogy* ?) para a nossa aldêa.

Lográmos paz durante oito mezes, e resolvemos então abandonar a nossa aldêa, como adiante se dirá, e partirmos para algures.

Estando em dita aldêa, andava eu inteiramente nú, trazendo apenas as vergonhas cobertas com algumas folhas.

Certo dia sahi a pescar por passatempo. Sentei-me á borda da agua, e entrando a considerar comigo mesmo o estado em que me achava e o em que anteriormente vivêra, maldisse da hora em que ouvi nomear o mar, e lamentei a loucura de haver abandonado a patria que nunca mais recuperaria; nem sequer esperava tornar a vêr gente christã!

Emquanto me abandonava a esses tristes pensamentos, chegou-se a mim um velho, que era um dos principaes da aldêa, e entrou a praticar comigo. Communicou-me então que « as cousas haviam corrido á medida dos seus desejos, quando habitavam no Cabo Frio, porque tinham trato com os francezes, e se achavam abundantemente providos de tudo; agora, porém, não tinham facas, machados, nem o mais que lhes era necessario, pelo que viviam bem pobremente. »

« — Desejo de coração, lhe retorqui, que tu e os teus vão morar para a marinha, em lugar onde não tendes que temer dos portuguezes. »

Finda esta nossa conversação, retirámo-nos para as nossas casas.

Deu-se pressa o indio a contar o que eu lhe havia dito. A' seguinte manhã vieram á casa, onde eu assistia, alguns vinte dos principaes da aldêa a indagar de mim se lhes poderia indicar um sitio em que encontrassem navios francezes. Respondi-lhes que entre o Rio da Prata e outro que os portuguezes chamam dos Patos (40) haviam de encontrar francezes, e em todo o caso não poderiam ser ali molestados pelos portuguezes. Accrescentei que melhor era habitar-mos na costa, onde teriamos tudo em abundancia, do que n'aquelles sertões em que viviamos unicamente de raizes.

(40) O rio Biguassú, na provincia de Santa Catharina, segundo Ayres do Casal.

Ouviram-me os velhos e levaram aos seus as minhas informações, com o que ficaram todos ardendo em desejos de buscar o mar. Assim que aprestou-se tudo o que era necessario para a nossa partida, e em numero de trinta mil, nos puzemos a caminho.

Transpuzemos muitos montes, e atravessámos muitos rios e terras selvagens. Encontrámos varias pedras preciosas nas vizinhanças d'esses rios.

Chegámos em seguida a uma região arenosa, por onde caminhámos durante vinte dias. E porque receivamos entrar nas terras em que ha muitos hespanhoes, terras populosas e em paz com aquelles europeus, deitámos caminho ao rumo do norte.

N'esta direcção fomos avançando até que nos acercámos das terras das Amazonas, que os indios chamam Mandiscusyanas. Guiámos então para o sul.

De boa vontade veria eu os *Tamoyos* brigarem com as *Amazonas*; mas elles não ousaram fazê-lo, porque aquella terra era mui populosa, e não seria difficil morrerem todos.

Chegámos ao rio dos Pa'os, onde encontrámos algumas canôas feitas de entrecasca de certas arvores.

Descemos n'ellas o rio durante uns oito dias. Ahi fazia-se o rio bastante largo, e de uma e outra banda viam-se arvores cortadas, do que inferimos que não estavamos longe da costa ou de alguma aldêa de *Waynasses*, pois estes selvagens não habitam nunca arredado do mar.

Vendo os indios que poderiam assentar morada n'aquelles lugares. Respondi que, ao meu vêr, deviamos ficar alli quietos, e despachar nove ou dez moços valentes a descobrir alguma aldêa, e, sendo caso que a encontrassem, iriamos então á noite pôr-lhe cerco, e d'este modo assenhorear-nos-hiamos d'ella.

Foi aceito este alvitre. Sahiram a explorar dez d'entre os indios. Noite cerrada, voltaram sem haver visto aldêa alguma; encontraram, porém, um trilho ao longo do rio e nos trouxeram alguns pedaços de corda.

Era manifesto que á margem do rio estava assentada alguma aldêa. Resolvemos, pois descer o rio, alta noite, em nossas canôas a vêr se descobriamos essa aldêa.

Embarcámo-nos e viajámos toda a noite. Pelas quatro da madrugada saímos em uma bella hahia, vimos o mar diante de nós, e, tanto que montámos uma certa ponta que sahe de terra, descobrimos uma aldêa.

Saltaram em terra os nossos com a maior presteza. N'este entretanto clareou o dia, e sendo nós descobertos por alguém que se dirigisse da aldêa para a praia, logo se levantaram todos os da aldêa e vieram accommetter-nos. Eramos, porém, mais numerosos e estavamos melhor ordenados, de modo que puzemos os contrarios em fugida com morte de muitos.

Cahiram em poder dos *Tamoyos* trezentas pessoas entre homens e mulheres. Esses prisioneiros foram logo mortos e comidos.

Chamavam-se esses selvagens *Caryos* (*Carijós*).

Em sua aldêa encontrámos grande provisão de cassave, milho, batatas, bananas, melões e outras frutas da terra. Encontrámos igualmente muitas piastras de uma caravela, que ahi naufragára recentemente, e cujos tripolantes hespanhoes se tinham retirado por terra para Buenos-Ayres.

Os portuguezes haviam tido pazes com esses indios, mas estão então em guerra com elles.

Dos fugitivos, uns foram ao Rio da Prata pedir auxilio, e outros dirigiram-se por terra a S. Vicente para o mesmo fim.

Passando a noticia de S. Vicente ao Rio de Janeiro, equiparam logo os portuguezes uma frota de caravelas e ca-

nóas, cujo commando foi dado a Martim de Sá, que já se achava de volta de sua viagem ao rio Javary, onde eu me havia apartado d'elle.

Chegados os portuguezes, sahiram á noite contra a nossa aldêa e a cercaram. Pelas tres horas da madrugada um indio, que viêra com os portuguezes, gritou aos nossos que se não mechessem, pois do contrario seriam passados todos á espada. Os *Tamoyos*, ouvindo o que lhes dizia o indio, entraram a fazer grande soada com seus arcos e flechas; mas, apenas os portuguezes dispararam um tiro, ficaram todos mofinos e sem pinga de sangue mettidos em suas rêdes.

Quando amanheceu, dando comigo o filho de meu amo, persignou-se e benzeu-se. Perguntou-me onde ficaram os meus companheiros, respondi-lhe que os indios os mataram e comeram.

Pelas dez horas foram tirados das casas e interrogados os indios. Alguns d'elles asseguraram que eu os movêra a matarem os portuguezes, mentira que, se se confirmasse, acarretar-me-hia a morte. Mas aprouve a Deus desmascarar os calumniadores pela propria boca dos indios.

Após isto os portuguezes mataram, em numero de dez mil, todos os velhos e mulheres, e particularmente os que eram réos no assassinato dos meus companheiros. Os vinte mil restantes foram repartidos como escravos.

Assim voltei á casa do meu velho amo, e fui enviado com os *Tamoyos* para um engenho que elle levantára recentemente.

Durante tres mezes eu e os escravos nos empregámos em transportar das matas grandes pedaços de madeira.

Por esse tempo veiu noticia do Cabo Frio que os selvagens *Waytacasses* (*Goytacazes*) tinham feito assento um pouco ao sul d'aquelle cabo, em certos sitios d'antes occupados pelos *Tamoyos*. Salvador Corrêa de Sá despachou

para ahi seu filho Gonçalo Corrêa de Sá, e eu tive de acompanhá-lo, posto que de má vontade.

Perlongámos a costa durante oito dias, e tivemos sempre abundancia de peixe.

Em seguida chegámos a um lugar chamado Itaoca, palavra que significa *casa de pedra* (41). Nunca vi casa tão forte: é uma penha grande e elevada, em que se pôde entrar por uma larga porta. Disseram os indios que S. Thomaz (S. Thomé) havia ahi prégado aos seus maiores.

Não longe d'ahi via-se uma pedra do tamanho de quatro canhões grandes, assentada acima do chão sobre outras quatro, como esteios, que não eram muito mais grossos do que um dêdo. O santo a convertêra por um milagre, segundo afirmavam os indios, de madeira em pedra.

Contavam tambem que o santo prégava aos peixes do mar e que estes o escutavam.

Ao longo da ribeira do mar viam-se ainda varias pedras ou parçeis grandes, em que se notavam pégadas de pés descalços, todas do mesmo tamanho.

Continuando nossa viagem, caminhámos durante quatro dias por um grande deserto e chegámos a um monte grande chamado Abousanga Retam. Na costa acérca d'esse monte encontrámos uma pequena aldêa de *Tamoyos*, que, por occasião do primeiro assalto feito por Salvador Corrêa de Sá, se haviam retirado para ahi, e nunca mais se ouvira falar d'elles.

O chefe da aldêa contava, segundo os indios nos deram a entender por signaes, cento e vinte annos, e, apezar de tão avançada idade, era um velho vigoroso e galhardo. Tinha grandes buracos no labio e nas faces, em cada um dos quaes trazia uma bonita pedra verde.

(41) A *Casa de Pedra* fica ao norte do Cabo Frio.

Fizemo-nos senhores d'essa pequena aldéa, onde habitavam quinhentas pessoas. Perguntámos aos *Tamoyos* se sabiam onde estavam os *Waytacasses*. Responderam-nos que sim e a elles nos conduziriam em tres dias.

Chegada a esse lugar a nossa expedição, metteu-se aquelle selvagem Abousanga entre os portuguezes e exclamou: « Quem nunca viu Abousanga venha agora vê-lo, e quem o ousar seguir verá o de que elle é capaz ! »

Isto dito, correu com o seu arco e flechas para o meio dos inimigos. Vinte e uma flechas o feriram. Diante dos nossos olhos matou a tres *Waytacasses*. Logo, porém, que demos sobre estes, se lançaram a monte, ficando apenas um em nosso poder.

Abousanga, ferido como estava, viveu ainda quatro horas. Perguntámo-lhe por que se batêra com tão temerario ar-rojo. « Porque fôra um grande guerreiro, respondeu-nos elle, e, tendo sempre vivido como homem livre, preferia morrer agora a viver no captiveiro. » Dito isto, pediu aos portuguezes que o baptizassem e o doutrinassem ácerca de Deus, promettendo crêr tudo quanto a tal respeito lhe expuzessem.

Ensinaram-lhe então os portuguezes que Deus era o salvador das almas e dava vida aos homens, e se Abousanga arrependia-se sinceramente de suas faltas e queria baptizar-se, seria salvo. Respondeu que cria tudo quanto lhe representaram, e rogou que quanto antes o baptizassem. Assim se fez, e morreu Abousanga pedindo graça ao Senhor até á sua ultima hora.

Voltámos d'aqui para S. Sebastião.

Quando chegou á casa deu Gonçalo Corrêa de Sá tão favoravel testemunho de mim a seu pai, que este me ordenou que velasse sobre elle por toda a parte.

Por esse tempo veiu de Portugal a noticia de que uma

frota ingleza estava a partir para o Brasil. Esta noticia levou o governador a mandar levantar um forte sobre certa altura á boca do porto. Levantaram-n'o, porém, tão sobre as aguas, que, tres mezes depois de concluido, o mar o comeu com toda a artilharia que n'elle havia.

Atraz disse eu que, tres mezes depois que fui apprehendido, veiu o *Desire* do estreito de Magalhães á Ilha Grande, onde foram mortos dezeseis dos nossos (42) e aprisionado um tal André Tower.

(42) Segundo a relação de John Jane, o *Desire* voltou á Ilha Grande a 30 de Janeiro de 1593. Ao romper do dia seguinte, 31, o capitão Davis desembarcou com vinte e quatro homens, suppondo sorprendere os portuguezes em suas casas, mas encontrou-as todas queimadas e arrasadas. Surgiu então o *Desire* em uma das enseadas da parte septentrional da ilha. Todos os dias saham em terra alguns dos tripolantes para haver frutas e mandioca, fazer lenha e aguada, e outros serviços necessarios, para que podesse continuar sua viagem o destrojado navio. No dia 5 de Fevereiro, apezar dos sonhos agoureiros que, durante a noite anterior, perturbaram o somno dos tripolantes e do proprio capitão, desembarcaram uns quinze homens.

« All the forenoon, continúa o navegante inglez, they laboured in quietnesse, and when it was ten of the clocke, the heat being extreme, they came to a rocke neere the woods side (for al this country is nothing but thick woods), and there they boiled cazavi-roots, and dined; after dinner some slept, some washed themselves in the sea, all being stripped to their shirts, and no man keeping watch, no match lighted, not a piece charged. Suddently as they were thus sleeping and sporting, having gotten themselves into a corner out of sight of the ship, they came a multitude of Indias and Portugales upon them, and slew them sleeping: only two escaped, one very sore hurt, the other not touched, by whom we understood of their miserable massacre: with all speed we mauned our boat and landed to succour our men, but we found them slaine, and laied naked on a range one by another, with their faces upward, and a crossæ by them.»

E accrescenta a seguinte circumstancia, digna de nota: « we saw two very great pinnessas come from the River of Janero very ful of men; whom we mistrusted came from thence to take us: because there came from the River of Janero souldiers to Santos, when the generall had taken the towne and was strong in it. »

No seguinte dia o *Desire* partiu da Ilha Grande para a Inglaterra.

Este homem tinha conhecimentos da arte de curar, e, restabelecendo a alguns enfermos, fez mui boas curas. Como Tower sabia predizer muitas cousas, tomavam-n'os os portuguezes por feiticeiro. Só tinha um olho, e no lugar do outro diziam os portuguezes que trazia um demonio familiar.

Tower assegurou que havia de descobrir um meio de tirar a artilharia que jazia no fundo do mar. Para este fim mandou fazer uma veste de couro, e tão bem a breou e engordurou, que ficou de todo em todo impermeavel. Preparou depois uma grande cabeça toda breada e munida de um enorme nariz, e collocou diante do nariz tres bexigas e duas diante da boca. Isto feito, convidou-me a metter-me dentro d'aquelle aparelho e descer ao fundo do mar, affiançando-me que era cousa de facil execução. Respondi que só aventuraria a minha vida em semelhante empreza se fosse muito bem recompensado.

Chamou-me então o governador e me disse que, « se eu fosse prender um annel ao ouvido de uma das peças, dar-me-hia dez mil coróas, e um passaporte para a minha patria ou para onde eu quizesse ir. » Prometti que, com o adjutorio de Deus, faria a diligencia por servil-o.

Achando-se tudo prestes, levaram-me os portuguezes, com muita solemnidade e orações ao Senhor, para que fosse propicio áquella empreza, ao lugar em que se perdêra a artilharia.

Enverguei a vestimenta de couro, e tendo-se-me atado ao corpo uma grande pedra, fui lançado ao mar em dezoito braças de profundidade. Como, porém, era enorme a cabeça de couro, e estava bem breada e alcatroada, succedeu impellirem-me as aguas para cima, ao passo que a pedra, pesada como era, me puxava para baixo, do que me resultou uma sensação tão penosa, que me parecia que a corda da pedra far-me-hia o corpo em pedaços.

Tinha eu uma faca atada a uma das mãos; cortei com ella a corda e assomei á tona d'agua, onde dei-me pressa em arrancar do rosto as bexigas e lacerar o couro, pois estava quasi suffocado. Um mez inteiro andei desacordado.

Instei e trabalhei incessantemente com meu amo para que me concedesse partir, pois desejava tornar á patria. Não me attendeu. Vendo eu que nenhum outro meio tinha de o abandonar senão fugindo, assentei de me evadir para Angola com o fim de servir o rei como soldado em Masangano até que pudesse ir ter com o rei de Anyeca, que estava de guerra com os portuguezes, e passar-me á Turquia pelas terras do Preste João.

Firme n'este proposito, embarquei-me a 27 de Junho de 1597, sem que meu amo soubesse, no naviozinho de Manoel Andreas, que seguia para Angola.

N'esta viagem descahimos tanto para o cabo da Boa Esperança, que tinhamos por certo o naufragio, pois aquelles mares são mui grossos, e as ondas quebram, por causa do fluxo das aguas, com tanta furia, que não ha navio que lhes possa resistir. Partiram-se o nosso mastro grande e o da mesena. Mas Deus nos favoreceu com um vento de léste que nos levou ao porto de Angola.

Durou cinco mezes esta viagem, de modo que alguns navios, que haviam sahido do Rio de Janeiro dois mezes depois de nós, chegaram primeiro.

Sabendo eu isto, não ousei sahir em terra com receio de ser reconhecido pelos portuguezes.

No dia seguinte ao da nossa chegada abordou-nos um bachel grande, cuja gente indagou de nós se tinhamos farinha de cassave para vender. Respondemos que sim, e lhes perguntámos para onde se dirigiam. Dizeram que esperavam a maré para subir o rio Guansa-Tomasongano.

Isto me pareceu muito ajustado ao meu proposito. Passei-me, pois, ao batel, com quanto estranhassem os portuguezes que fosse eu voluntariamente para Massangano, que ninguem buscava de boa vontade, e onde os homens morriam como pintainhos.

Subimos o rio Guansa (Coanza) durante nove dias. N'este espaço de tempo succumbiram dois soldados portuguezes ao excessivo calor que nos penetrava até o coração.

Tres dias depois de estar eu em Massangano, D. Francisco de Mendonça Furtado, tendo recebido uma carta de Salvador Corrêa de Sá, seu amigo particular, mandou o governador da cidade de Congo capturar-me. Este, tendo-me colhido ás mãos, levou-me pelas terras do rei de Congo, e, depois de uma viagem de seis dias, chegámos a um lugar chamado S. Francisco, onde se achava D. Francisco de Mendonça. Esse lugar não dista muito do reino de Manicongo.

Recebeu-me o governador com palavras cortezes, e perguntou-me o que me movêra a ir de mim mesmo para Massangano. Em resposta referi-lhe que, tendo servido muito tempo a Salvador Corrêa de Sá e passado muitos perigos no serviço, tanto d'elle, como de seu filho, nunca havia sido recompensado por elles, pelo que resolvêra aventurar antes a minha vida em proveito do rei, do que continuar captivo do governador por mais tempo.

Mandou o governador que me levassem para Angola, commendando que me puzessem dois machos de ferro nas pernas para que eu não fugisse.

Quatorze dias depois, fui enviado para o Rio de Janeiro em uma caravela de Francisco Lewes. Cheguei no fim de dois mezes a S. Sebastião.

Fui apresentado ao governador com os meus machos nos pés. Vendo-me o governador entrou a rir-se, e gracejando deu-me as boas vindas da Inglaterra. Depois de chasquear

de mim por muito tempo, mandou tirar-me os machos, vestiu-me e tratou-me bem.

Obra de dois mezes depois aportou na Ilha Grande um pequeno navio de guerra, cujo capitão chamava-se Abraham Kock. Andava espreitando os navios que estavam a vir do Rio da Prata (43), e certamente os teria apresado se não lhe fugissem no batel cinco dos seus, os quaes descobriram que o dito navio alli se achava. E com effeito sete dias depois da partida de Abraham Kock surgiram no mesmo porto tres caravelas.

Os cinco marinheiros, tendo sido recebidos por um frade que viéra de S. Vicente, foram trazidos ao Rio de Janeiro.

Andava eu então nas graças do governador, e pelo meu valimento receberam os prisioneiros todos os favores que pude obter, particularmente um d'elles chamado Robert Heixt, que os outros me disseram ser pessoa nobre.

Durante obra de tres mezes assistimos em um povoado na costa, onde um tal Thomaz Cooper, homem casado, residia e fazia o seu negocio. Eramos nove inglezes e tres neerlandezes.

Ahi resolvemos assenhorear-nos de uma das embarcações do Rio da Prata, quando ellas viessem ao porto, e n'ella fugir.

Frequentava eu diariamente com Heixt a casa de um portuguez, onde eu era mui bem visto. Uma certa noite foi Heixt á essa casa, e furtou uma boeeta com sessenta piastras e duas ou tres moedas hollandezas.

Pedi-lhe que restituísse o dinheiro; mas, em vez d'isso, Heixt, que era um desavergonhado, maltratou-me, e lar-

(43) Pela carta de Francisco Soares, escripta do Rio de Janeiro em Junho de 1598 a um irmão, sabe-se que eram então muito frequentes as communicações do Perú com o Brasil pelo Rio da Prata.

gou-se para a casa do governador, a quem referiu tudo o que tinhamos traçado, affirmando que eramos uns *hereticos*, ao passo que elle era muito bom *catholico*. Accrescentou que eu havia furtado, na noite anterior, a chave do armazem do rei para tirar d'ahi, como tirára, polvora e mosquetes, e escondéra uma e outra cousa na casa de Thomaz Cooper.

Graças a Deus, fomos accusados d'este maleficio antes de o haver praticado, que, se assim não fôra, todos nós teriamos ido parar na forca.

Fomos levados á presença do governador, a quem descobrimos tudo.

Disse, porém, Heixt:

« — Senhor, ide á casa de Thomaz Cooper e ahi haveis de achar a polvora e vinte mosquetes, que Antonio roubou do armazem para o fim que eu disse. Se não achardes, como eu digo, affirmai então que sou mentiroso e má lingua. »

Sem demora fomos mettidos todos, de ordem do governador, na prisão, e dirigiu-se elle com Heixt á casa de Thomaz Cooper, onde não achou polvora nem mosquetes. Foi igualmente ao armazem, e viu que estava tudo intacto e nos seus devidos lugares.

Isto o encheu de colera contra Heixt, assim apanhado em flagrante mentira, e o levou a dizer que « ainda não havia visto uma casta de homens tão perversos e malvados como nós, pois machinavamos a ruina uns dos outros. »

Não decorreu muito tempo depois d'este episodio, quando o governador mandou Heixt, pelo seu máo procedimento, para Angola. Ahi D. Francisco o mandou para Massangano, onde Heixt morreu em miseravel estado.

Foi tambem pouco mais ou meños por esse tempo que accusaram André Tower de haver comido carne em sexta-feira, pelo qual delicto o prenderam; mas tendo Tower pago cem piastras, foi solto,

Um mez depois de solto fugiu elle para Pernambuco. O governador, informado da sua fuga, mandou que sabissem duas pequenas caravelas para perseguil-o e trazel-o ao Rio de Janeiro.

Em uma d'essas caravelas iam o filho do governador Gonçalo Corrêa de Sá, o sobrinho do bispo (44) e muitos moços nobres.

Sahiram as caravelas, e quando já se achavam perto do navio em que navegava André Tower, levantou-se de pancada uma forte tormenta.

A pequena caravela em que se achava o filho do governador, não se podendo manter no mar, arribou á terra, morrendo tres d'elles, entre os quaes o sobrinho do bispo. Correram todos o risco de sossobrar, mas salvou-os Martim de Sá, que se achava n'aquellas vizinhanças a cortar, com cem escravos, páo-brasil para um navio de seu pai.

A outra caravela seguiu para Pernambuco e voltou com Tower ao Rio de Janeiro. Aqui foi elle preso, e teria acabado na forca se toda a cidade não intercedesse em seu favor. Foi tambem enviado para Massangano, onde morreu.

No anno de 1598 aportaram no Rio de Janeiro dois navios hollandezes, cujo capitão era o hollandez Jasper Ferdinand. Tendo este apresentado passaporte portuguez, o governador lhe permittiu desembarcar os seus haveres. Negociaram os tripolantes durante tres mezes e ajuntaram muito dinheiro.

Estando de verga d'alto os navios hollandezes, quizeram os empregados do rei embargal-os, porque o passaporte do capitão não era bom. Acudiu, porém, o governador, dizendo:

(44) O primeiro prelado do Rio de Janeiro falleceu em Junho de 1597 na capitania do Espirite Santo, e o seu successor, o padre João da Costa, tomou posse da prelasia em fins do anno de 1598. A qual dos dois se refere Knivet?

« Porque não olhastes para isso em tempo? Fiando-me de vós, disse eu ao capitão que entrasse, porque o seu passaporte era bom, e agora vindes-me dizer que não é assim. Pois dizei o que quizerdes; uma vez que dei minha palavra ao hollandez, e entraram os seus navios com minha permissão, hão de sahir livre e desembaraçadamente. »

E de feito partiu Jasper Ferdinand para Angola.

Veiu, não muito depois, ao Rio de Janeiro com duas urcas o governador-geral de toda costa do Brasil D. Francisco de Sasa (Sousa), e, sabendo que Jasper Ferdinand partira para Angola, mandou que uma caravela fosse ahi apresiar os seus navios para o serviço do rei. Mas Ferdinand, informado d'esta ordem, embarcou-se immediatamente (no porto de Angola), e, em que pezasse aos portuguezes, se fez á vela.

Neste mesmo anno veio Francisco de Mendonça de Vasconcellos succeder á meu amo no cargo de governador da terra (45).

A urca, em que vinha o novo governador, acertou de enfiar a barra ao tempo em que o governador meu amo ia visitar um engenho novo de sua propriedade. Chegando á boca do porto, entrou a urca a disparar sua artilharia; e, como ignorasse meu amo a razão por que atirava, mandou preparar sem demora uma canôa grande para se fazer ao mar, e logo que se informasse do caso, voltar á cidade.

Não se havia mettido meia hora depois que vogavamos, quando nos surpreendeu uma tormenta que virou a nossa canôa. Certamente teria o governador perdido n'essa occasião a vida, se o não auxiliara, em primeiro lugar Deus, e depois eu. Todos os escravos nadaram para terra, mas eu

(45) Fica assim confirmado que no anno de 1598 terminou o segundo governo de Salvador Corrêa de Sá, bem como que seu successor Francisco de Mendonça e Vasconcellos, tomou posse, no mesmo anno, da administração da colonia fluminense.

e um mulato escravo, chamado Domingos Gomes, o agarrámos, e collocando-o entre nós ambos, o levámos para a canôa, na qual segurou-se meu amo, e assim o fomos impellido para terra. Ahi o mar se levantava em serras e quebrava com furia, tomando o caso um aspecto tal, que nos parecia havermos todos de morrer, pois as ondas nos jogavam contra os comoros ou montes de arêa, e depois nos arrebatavam para o pégo.

Emfim, tomei terra. Vi que meu amo, trazido por um vagalhão, approximava-se da praia. Eu e o meu bom amigo Domingos Gomes aguardámos, attentos, que a onda rebentasse para salv-o, e com effeito conseguimos puxal-o para terra; mas como não podia articular uma palavra, pareceu-nos que não escaparia.

Vendo nós o estado em que se achava o nosso amo, agarrámo-lo pelas pernas e o suspendemos entre nós ambos com a cabeça para baixo, e d'este modo despejou elle muita agua e tornou a si.

Considerando meu amo desmaiado como estava, disse eu: «Claro está que o mar não distingue um governador dos mais homens.»

No dia seguinte entrou meu amo (na cidade), onde encontrou seu successor.

Não pouco satisfeito fiquei com a vinda do novo governador; pois persuadi-me que era chegada a occasião por mim tão desejada de tornar em breve á patria.

N'este mesmo anno lançaram ancoras á boca do porto quatro navios hollandezes, do que se causou tomar armas toda a cidade.

Achava-se então meu amo no engenho, e eu na cidade para cuidar de sua mulher. Vendo esta que os portuguezes andavam acima e abaixo com suas armas, ordenou-me que tomasse um mosquete e fosse para um dos fortes. Assim fiz.

Sendo eu no forte, o governador passou revista ás forças que n'elle havia, e mandou buscar polvora e chumbo. Como eu sabia manejar bem o meu mosquete, e o governador tinha os inglezes na conta de bons soldados, agradeu-se de mim, e eu fallei com elle.

Depois de haver eu fallado ao novo governador, um certo João de Selvea o avisou que cumpria trazer-me em cuidadosa vigia, que não fosse eu passar-me aos hollandezes, pois peior do que isso havia eu praticado, e nenhuma duvida poria em nadar á noite em um pedaço de madeira para um d'aquelles navios. E contou-lhe então o que havia eu feito ao ex-governador meu amo.

Assim inteirado, tomou-me o novo governador pela mão e conduziu-me á prisão, onde estive encarcerado durante vinte e sete dias, não sendo solto senão depois que os navios hollandezes partiram da entrada do porto em demanda da Ilha Grande.

Mais de dois mezes depois que chegára a S. Vicente o governador-geral, appareceu n'aquelle porto uma grande urca de Amsterdam, chamada *Gulde Veereid*, cujo capitão era Laurens Bitter. Essa urca havia estado na ilha de S. Thomaz, na do Principe e em seguida no estreito de Magalhães, onde perdéra muitos dos seus, e, obrigada dos ventos contrarios, tornára ás costas do Brasil.

Chegando a dita urca a S. Vicente, mandou o capitão um batel á terra, com recado ao governador que elle era negociante, e desejava que se lhe concedesse a licença de fazer trato com os portuguezes. Assegurou-lhe o governador sob a sua firma e sello que o capitão não soffreria offensa alguma, e, uma vez que pagasse os reaes direitos, poderia partir quando e para onde bem quizesse.

Com esta segurança entrou o capitão em sua urca n'aquelle porto, e mandou desembarcar todas as suas mercadorias.

O governador-geral ia visitar diariamente o capitão em seu navio, e lhe promettia haver-se como amigo.

Desembarcadas as mercadorias, e achando-se em terra a maior parte dos hollandezes, dirigiu-se para a urca um bom troço de portuguezes, cantando e tocando guitarra. Os flamengos, vendo-os vir d'aquelle modo, não tomaram má suspeita, pelo que poderam os portuguezes entrar no navio. Começaram a saltar e beber com os flamengos; mas, quando estes menos o pensavam, puxaram aquelles das espadas, mataram a dois, e se fizeram senhores da urca em proveito do rei (46).

No começo do anno de 1599 chegaram diante da cidade da Bacia (Bahia ?) nove urcas, mas nada poderam fazer.

Quatro mezes depois que chegára o governador-geral a S. Vicente, teve meu amo que fazer alli. Acompanhei-o.

Quando chegámos, achava-se o governador a cincoenta leguas, em um lugar no interior, onde lhe constava haverem muitas minas de ouro (47). Não tendo achado, porém, cousa que pagasse o trabalho, despachou gente mais para o sertão em busca de um sitio chamado Itapusik. Como eu conhecia esse lugar, tive ordem do governador-geral para seguir para alli.

Encontrámos em Itapusik minas não vulgares. Trouxemos uma porção de terra (aurifera) e varios pedacinhos de ouro, que achámos em lugares lavados pelas aguas.

Muito folgou com isso o governador-geral; deu-nos pelo achado mais do que elle valia, e enviou-o ao rei, a quem requereu permissão para averiguar se essas minas eram

(46) A duplicidade da politica d'aquelle tempo faz verosimil esta anedocta.

(47) Segundo os nossos escriptores, D. Francisco de Sousa, governador geral do Estado do Brasil, se dirigiu, em Março de 1599, ao sertão de Sorocaba para examinar as minas descobertas por Afonso Sardinha e seu filho.

laváveis ou não. Mandou igualmente quarenta mil libras em laminas de prata preparada na mina de S. Paulo, a doze leguas de S. Vicente (48).

Quando eu me achava em Itapusik, partiu meu amo para casa. Em consequencia de sua retirada, tive de servir como soldado até que partissem navios para o Rio de Janeiro. Servi tres mezes, e fui muito bem recompensado pelo governador, que remetteu-me de novo para meu velho amo.

Depois d'isto mandou-me meu amo para um lugar chamado *Orgelen* (Orgãos). E' uma serra que se avista do Rio de Janeiro. Ahi encontrámos uma pequena mina de ouro e mui preciosas pedrinhas.

Por esse tempo chegou de Hespanha uma urca, em que vinham um bispo e um governador hespanhol, os quaes partiriam em uma embarcação menor para o Rio da Prata e d'ahi para *Somma* (para cima?).

Pouco depois da chegada d'esse navio, manifestou-se no Rio de Janeiro uma doença a modo de sarampo (variola?), mas em verdade, tão fatal como a peste; pois, no decurso de tres mezes, ceifou no Rio de Janeiro passante de tres mil pessoas entre portuguezes e indios.

Andava eu então occupado em ir e vir á noite do engenho em um barco, transportando páo-brasil para a urca; e por causa do ar inchou-me de tal modo uma das pernas, que eu não a podia mover. E' commummente mui perigoso, n'aquella região, expôr-se ao ar durante a noite quem está quente; pois, como a terra é cálida, penetra o ar com muita força, e faz enfermar de repente um ou outro membro do corpo humano. Durante bem um mez andei bastante incommodado d'essa perna.

(48) Nunca houve mina de prata na villa, hoje cidade de S. Paulo. Knivet refere-se talvez a de Biraçoyava, d'onde se extrahiu alguma prata, mas em tão pequena quantidade que foi afinal abandonada.

A 14 de Agosto do anno de 1601 embarcou meu amo Salvador Corrêa de Sá, com sua mulher Dona de Soso, n'aquella urca, para seguir viagem do Rio de Janeiro para Pernambuco (49).

Navegámos ao rumo de léste. A 15 continuámos a empegar-nos. A 16 caminhámos ao nordeste, e pelas dez horas houvemos vista do Cabo Frio. A 17, 18 e 19 continuámos a deitar caminho para léste com vento noroeste, e levavamos esta derrota, porque receiavamo-nos das arêas e parceis chamados Abrolhos, sitios entre aquelle cabo e o Espirito Santo.

A 20 tivemos vento sul, e fomos caminhando ao nordeste até 25, que foi quando o vento saltou para o norte. Governámos então a léste para o mar, e mantivemos esta derrota até o ultimo do mez.

No dia 1º do seguinte mez escorremos a costa com vento sudoeste e prôa ao nordeste até 7.

A 8 o capitão e o piloto, tomando a altura do sol, averiguaram que estavamos a dez e meio grãos de latitude á banda do sul da linha.

Emquanto praticavam um com o outro ácerca da viagem, veio dizer-lhes um marinheiro que havia apanhado dois ou tres peixinhos. Ouvindo isto um hespanhol, chamado Gaspar Couquero, homem algum tanto pratico n'aquella costa, disse ao capitão: « Tende cautela, que receio estejais mais perto de terra do que suppondes, pois não sabeis quanto as correntes vos apanham a oeste para terra.» Observaram-lhe em resposta, os flamengos, que elle se occupasse com o que lhe pertencia, e que, sem suas instrucções, bem sabiam como se haviam de haver.

(49) Esta viagem de Salvador Corrêa de Sá a Portugal, sua estada em Pernambuco, etc., são factos ignorados.

O piloto assegurou que estávamos apartados de terra mais de quarenta leguas, e governou ao norte.

A' meia-noite de 9 demos fé de terra. Immediatamente lançou o piloto a sonda, e, encontrando oito braças d'agua, ordenou aos marinheiros que virassem as velas, e assim se fez. Era o vento nordeste.

Estávamos muito mettidos em terra, e não nos podemos amarar, porque víamos parceis a estibordo e bombordo do navio. Antes de aprestar as nossas ancoras, descahimos tanto para os parceis a sotavento, que forçoso foi arribar a elles.

^t Se não fôra Deus servido de salvar-nos, houvérámos todos perecido, pois o nosso navio esteve bem uma meia hora com a prôa sobre um dos ditos parceis. Já nos preparávamos para cortar os mastros, e alijar caixas e bahús, pois tínhamos por impossivel poder conservar alguma cousa ; mas, como disse, acudiu-nos o Senhor, permittindo que, quando nós menos pensavamos, viesse quebrar-se sobre o parcel um grande golpe de mar, que nos pôz em oito braças entre penhas e arrecifes. Escapámos assim, com o adjutorio divino, de tamanho perigo !

No dia seguinte avistámos na praia alguns selvagens. Ordenou então o governador que me puzessem em terra para entender-me com elles, saber que costa era aquella e se podíamos ir por terra a Pernambuco. O capitão mandou que desembarcasse tambem commigo um *ma-meluco* chamado Antonio Fernandes. Este, porém, chegando á terra, não quiz saltar com medo dos canibaes.

Portanto fui só ter com elles. Depois de os haver saudado ao modo da terra, perguntei-lhes como se chamava aquelle lugar. *Cororeyspe* (Cururipe), disseram elles, isto é, *rio das rãs ou sapos*. Accrescentaram que não estávamos longe do Rio de S. Francisco, e que um espaço ao norte

ficava o rio de S. Miguel; que elles eram escravos dos portuguezes de Pernambuco, e haviam levado gado á Bahia, d'onde voltavam para casa.

Um d'esses escravos acompanhou-me a bordo. Fallou com o governador e contou-lhe muitas cousas.

Ao outro dia pediu a mulher do governador a este que abandonasse o navio e seguisse viagem por terra, ao que meu amo annuiu. Mandou, pois, desembarcar todos os seus haveres preciosos, e recommendou ao capitão que, si podesse, seguisse para Pernambuco, e no caso contrario voltasse á Bahia, d'onde partiria quando d'alli sahisses outros navios para Portugal.

Na urca achavam-se nove barris de prata, que o governador-geral enviava a D. Diogo de Quadro, encommenda esta confiada aos cuidados de meu amo até Pernambuco (50).

Abandonámos, pois, o nosso navio.

O lugar para onde foi impellido o navio, distava ainda quarenta leguas de Pernambuco.

Partindo do rio das Rãs, ou parceis chamados *bayhta Deamrobrio* (baixos de D. Rodrigo), eu e Domingos tivemos de carregar, durante doze leguas, uma caixa de ouro pertencente a meu amo e sua mulher, pois do rio das Rãs até Upavasou (lugar muito accommodado para se tomar agua) contam-se tres leguas; de Upavasou até o rio Casvays... até o rio chamado de S. Miguel, contam-se mais quatro leguas.

Descançámos ahi tres dias e encontrámos um *mameluco* muito rico, chamado João de Recho.

Alugou o governador uma pequena embarcação de pesca, para n'ella seguir para Pernambuco.

(50) Prata vinda talvez de Perú. Vide a carta citada de Francisco Soares.

No mesmo dia em que partimos d'aquelle rio em dita embarcação, levantou-se do nordeste uma grande tormenta. Diligenciámos, pois, recolher-nos de novo ao rio, o que não foi sem grande perigo, pois o vento teso impelliu-nos para um parcel, que não demora longe da praia, ao sudoeste da boca do rio. Todos os que sabiam nadar se lançaram ao mar e nadaram para a terra, o que alijou de tal modo o batel, que se pôz elle de novo a nado.

Após isto, disseram o governador e sua mulher que queriam proseguir a sua viagem por terra, e assim se fez.

Ao seguinte dia chegámos a um outro rio grande, chamado Uno, sito a tres leguas de S. Miguel. E' tão largo que um navio de honesto porte pôde procural-o para tomar agua.

Partidos d'este rio, fomos ter a outro chamado Jaquarea-sik (Jaraguá?). Aqui ordenou o governador que eu e Antonio Fernandes fossemos adiante, em busca de um pequeno povoado ou lugarejo, afim de dispôr as cousas para a sua vinda.

Vinha em nossa companhia um portuguez chamado Rafael Pereira, que, á fina força, quiz acompanhar-nos n'esta jornada. Com quanto lhe dissessemos que tinha de atravessar varios rios caudalosos, pelo que era mais acertado que elle ficasse com os nossos amos, não esteve por isso.

Puzemo-nos, pois, nós tres, a caminho, e ao outro dia chegámos a um rio mui formoso chamado Santo Antonio. Passámol-o em uma balsa de cannas.

Fomos ter em seguida a um lugar que os indios chamam *Ameçuva Prisemes*, o qual é, de ordinario, procurado pelos francezes.

D'aqui, caminhando por um solo pedregoso, fomos vêr um bello rio, denominado Camarayuva (Camaragibe). Em uma jangada, que é um aparelho de tres páos ligados, subimos um pedaço por esse rio.

Sabindo em terra á seguinte manhã, encontrámos um bello campo, e vimos muitissimo gado e um engenho, em que se moía canna. Esse engenho pertencia a um allemão, a quem entregámos a carta do governador (51).

Tanto que o allemão leu a carta, mandou preparar dez moios de cassave, e matar dois bois e muitas gallinhas e perús, para receber meu amo. Estivemos n'esse engenho uma semana inteira, e nós dois fomos muito bem tratados.

Partimos para Porto Calvo, que fica a tres leguas de Areseove. E' este um excellente porto e muito capaz em qualquer tempo. Em seus arredores enchem-se annualmente umas duas mil caixas de assucar, pelo menos.

N'este lugar encontrámos Manoel Mascarenhas (52), que tinha comsigo duzentos cavallo. Descansámos dois dias e seguimos para Pernambuco.

Depois de estarmos vinte dias em Pernambuco, Jelisiano Cuello (Feliciano Coelho) mandou recado a Manoel Mascarenhas que elle se achava cercado no Rio Grande, pelos *Potivares (Petiguares)*, e se não fosse soccorrido com a maior presteza, o rei perderia a cidade e todos elles as vidas.

Resolveu Mascarenhas ir em pessoa soccorrer a cidade, deixando o governo de Pernambuco confiado a meu amo (53).

(51) « O engenho chamava-se *Buenos-Ayres*, e ainda hoje existe. O allemão era Christovão Lins, tronco de uma numerosa descendencia em toda a diocese de Pernambuco.— *Memorias para a historia do extincto Estado do Maranhão*, tom. 2º, pag. 22 nota 2.ª

(52) Jorge de Albuquerque Coelho, terceiro donatario de Pernambuco, constituiu em 1506 seu lugar-tenente para governar esta capitania a Manoel Mascarenhas Homem, e este a governou durante quatorze annos.

(53) Esta expedição ao Rio Grande do Norte contra os *Petiguares*, que já haviam assentado pazes em 1509 com Jeronymo de Albuquerque, é igualmente desconhecida.

Partimos de Pernambuco em numero de quatrocentos portuguezes e tres mil indios, e, depois de uma jornada de sete dias, chegámos ao Rio Grande. Entre Pernambuco e esta cidade tivemos uma viya escaramuça com varios selvagens.

Tendo-se acercado da cidade do Rio Grande, dirigiu Mascarenhas uma larga falla aos portuguezes e indios para animal-os contra aquelles gentios (cujas forças consistiam em não menos de quarenta mil homens), e recommendou que todos nós nos confessassemos aos nossos pais espirituaes e d'elles recebessemos o Sacramento, porquanto tencionava atacar, no outro dia, os nossos inimigos.

E vivo foi o assalto; porquanto, tendo aquelles cannibae aprisionado, em uma escaramuça havida no dia anterior, duzentos homens, mataram a muitos dos prisioneiros para os devorar; e enquanto estavam entretidos a comer e beber, mui descuidosos de nossa vinda, cahimos sobre elles. Vendo isto os da cidade, sahiram tambem a campo. Assim, que foram os selvagens accommettidos de pancada por todos os lados, e forçados a levantar o cerco com perda de tres mil prisioneiros e cinco mil mortos.

O rei d'esses cannibae, chamado Piraiuwath (Pirajuva), palavra que significa *barbatana de um peixe*, tendo sido vencido por um numero tão diminuto de homens em comparação da cópia dos seus, mandou alguns embaixadores a Mascarenhas, para ajustarem pazes, promettendo pôrem-se elle e todos os seus á obediencia dos portuguezes e deixarem-se baptizar, uma vez que Mascarenhas restituísse todos os prisioneiros e permittisse viverem os de sua nação como homens livres. Aceitou Mascarenhas a proposta, e assim sujeitou-se ao rei de Hespanha uma das maiores provincias do Brasil septentrional.

Concluido este pacto, o capitão-geral deu-se pressa em

levantar duas casas mui fortes á margem do rio, junto á cidade, e mandou vir quarenta peças de ferro de Pernambuco, vinte para cada uma d'ellas.

Muitos soldados houveram, n'esta jornada, pedras mui preciosas, e em algumas aldéolas inoffensivas varios diamantes, rubins e muitas saphyras azues. Encontrámos tambem muito ambar amarello, que os índios chamam *pirapoun arepoty* (54). D'esta vez favoreceu-me a sorte de algum modo, pois tive de lucro mais de quinhentas corôas.

Quando voltei a Pernambuco, encontrei meu amo prompto para seguir viagem para Portugal no mesmo navio que o trouxéra do Rio de Janeiro, e que estivera a ponto de sossobrar nos baixos de D. Rodrigo, onde desembarcámos. Havia voltado da Bahia.

N'essa mesma occasião encontrei ahi dois inglezes. Um d'elles era um gentil-homem chamado Thomaz Turner; o outro chamava-se Musgrave, e era piloto de uma fusta de Newton, negociante em Londres.

Por conselho meu, Turner foi ao Rio de Janeiro, e d'ahi se passou á Angola, onde realizou grandes lucros, negociando com suas mercadorias, pelo que agradeceu-me depois na Inglaterra. Continuêmos, porém, com a minha viagem.

Salvador Corrêa de Sá, governador do Rio de Janeiro, chefe do Espirito Santo, Porto Seguro, Santos e S. Vicente (55), emprehendeu viagem para casa com quinze urcas de Hamburgo, sete fustas de Emden e Hamburgo, e

(54) *Pirã oçu-repoty*.

(55) Estes titulos são fantasticos. Salvador Corrêa de Sá nunca teve patente de capitão-general: foi simples *capitão-mór governador* do Rio de Janeiro. E', porém, certo que teve a superintendencia das minas descobertas na capitania do Espirito Santo, ao norte, e as de Paranaguá, ao sul, na capitania de S. Vicente. Vide Pizarro, tom. 2.º pag. 114: Silva Lisboa, tom. 1.º pag. 300

algumas vinte caravelas, todas carregadas de assucar. O governador era almirante em um navio velho, denominado *Maria de Hamburgo*, do porte de setecentas toneladas, pertencente a Hans Burgo. A *Nova Maria*, do porte de quinhentas toneladas, pertencente a Adriano Cornelisz, servia de vice-almirante. A sota-almiranta, pertencente a um tal Conrado, era do mesmo porte. Acompanhavam-nos ainda um navio grande, o *S. Joris*, pertencente a um tal Hans Dijke, e mais outros.

Partiu esta frota de Pernambuco a 15 de Agosto, e em dois mezes chegou á Lisboa.

Ahi estive nove mezes em casa de meu amo. Depois adoeci, e gastei tudo o que trouxéra do Brasil.

Achava-me, pois, em miseravel estado, e peor seria se não me soccorresse uma generosa senhora ingleza, que encontrei em um convento de Lisboa e ao presente n'elle recebida (recolhida?), pois, graças a Deus e á ella, escapei da miseravel morte a que estava condemnado.

Estava eu, pois, mui enfermo, emquanto assisti em casa de meu amo. Puzeram-me na parte posterior da casa, e ahi tinha por cama um pedaço de esteira velha. Assim vegetei seis semanas na maior das míserias.

Sobreveiu-me a molestia com uma febre ardente. Como havia morrido Domingos Gomes, não veiu pessoa alguma tratar de mim, senão um pobre escravo de meu amo, que, de amizade para comigo, trazia-me de quando em quando agua e algum alimento. Aconteceu-me, porém, passar dois dias sem uma nem outra cousa !

Tendo assim jazido durante seis semanas, procuraram-me Turner e Musgrave, acompanhados de alguns hollandezes, que, cotisando-se, deram-me doze schillings.

Já havia eu recebido tão generosos mimos d'aquella piedosissima Sra. Foster, que preferia morrer a que ella

soubesse a penuria em que eu me achava; mas Thomaz Musgrave de Rateliffe, sabendo quantos favores ella me fizera, induziu-me a escrever-lhe, o que fiz, posto que a meu pezar. Logo que a Sra. Foster leu a minha carta, mandou-me cincoenta corôas, e entrou a visitar-me diariamente.

A minha doença tomou, nada obstante, tal incremento, que todos os que me viam entendiam que eu não me havia de restabelecer sem os cuidados de um doutor. Interveiu a Sra. Foster, e, allegando que eu era um parente seu, obteve que eu fosse transportado para o hospital do rei.

No espaço de dois mezes fui abandonado vinte uma vezes (como morto); mas afinal restabeleci-me, e, nada mais recieando, fui despedido com cortezia do hospital e recebi dez schillings.

Tendo sahido do hospital, pareceu-me mais acertado abandonar a casa do meu amo e procurar meios de vida. Com estas vistas dirigi-me á alfandega do rei, onde, entre toda a sorte de estrangeiros, encontrei alguns escossezes, que procuravam quem os entendesse. Ouvindo isto, offereci-lhes os meus serviços, e ganhei tanto quanto desejava, pois me pagavam muito bem o meu trabalho de traduzir (ou interpretar).

Propuzeram-me varios negociantes hollandezes que eu tornasse, em proveito d'elles, ao Brasil e ás Indias; respondi-lhes que desejava visitar primeiro a Inglaterra, pois alimentava a esperança de poder ganhar ahi honradamente o meu pão. Mas, ai de mim! mostrou-me a experiencia que era illusoria a esperança de voltar á patria.

Permaneci ainda algum tempo em Lisboa para voltar á Inglaterra, e começou a sorte a mostrar-se-me adversa, como sempre. Vivia eu muito commodamente á custa de negociantes estrangeiros que não sabiam fallar hespanhol,

quando, um bello dia, veiu-me dizer alguém, na alfandega do rei, que o meu amo Salvador Corrêa de Sá ordenava-me que tornasse á sua casa, e se o não obedecesse, mandar-me-hia buscar, quer eu quizesse, quer não.

Para encurtar razões, direi que não dei importancia a isso, e continuei em companhia das mesmas pessoas. Mas vêde: eis que me vêm de novo visitar os meus velhos companheiros—*a prisão e a desgraça*—desesperando eu outra vez de voltar á patria mais do que nunca.

O meu velho amo, Salvador Corrêa de Sá, vendo que eu relutava em procural-o, indispôz contra mim o vice-rei Christovão de Moura, fazendo-lhe sentir que, se eu voltasse á Inglaterra, poderia fazer muito mal. Tanto bastou para que fosse eu agarrado na rua como um facinora publico e conhecido, levado á prisão e mettido em um calabouço, onde (Deus me seja testemunha) passei tres dias sem comer e sem beber; nem sequer me podia ferir os olhos a luz do dia!

Afinal descobri uma restia de luz. Desanimado, quasi louco, subi contra a parede para chegar áquella fresta, e, conseguindo alçar-me até ella, arranquei o pedaço de taboa que mascarava uma grade de ferro. D'ahi entrei a soltar gritos tão lamentosos, que muitas pessoas, de compaixão para comigo, se agruparam diante da janella a lastimar-me sem me poderem valer (56).

— Aqui termina a narração, pois não foi escripto como Knivet sahiu da prisão e tornou á patria.

(56) D'esta narração se deduz que Salvador Corrêa de Sá achava se em Portugal, quando foi expedido o regimento de 15 de Agosto de 1803 sobre a superintendencia das minas.